



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Faculdade de Engenharia

**Um Lugar no Espaço Público.
Apropriação estruturante e dinamizadora do Largo do
Mercado - Vila Franca das Naves**

Ana Sofia Almeida Carvalho Duarte

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(Ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutora Ana Lúcia Virtudes

Covilhã, Outubro de 2015

Agradecimentos

Em primeiro lugar, começo por deixar um sincero agradecimento à minha orientadora Professora Doutora Ana Lúcia Virtudes, por todo o apoio, amabilidade e disponibilidade transmitidos ao longo deste trabalho.

Ao atual Presidente da Junta de Freguesia de Vila Franca das Naves, o senhor António Pina, pelo fornecimento de informação relativamente ao caso de estudo sem a qual teria sido impossível realizar este trabalho.

A todos aqueles que sabem que os apelido de amigos, alguns descobertos na U.B.I., aos quais agradeço o companheirismo, respeito e principalmente toda a amizade demonstrada ao longo de todos estes anos.

À minha família, que desde o início me ajudaram a seguir este caminho, com todos os meios necessários bem como pela confiança em mim e por terem apostado, por mais difícil que tenha sido, na minha formação.

Resumo

Perante a variação física dos perímetros urbanos contemporâneos, é observável, em alguns aglomerados urbanos em Portugal, uma expansão desregulada e fragmentada dos espaços urbanizados. Por outro lado, os espaços consolidados da cidade histórica, nem sempre têm vindo a ser alvo de medidas de intervenção conducentes à sua requalificação. Contudo, se nas grandes cidades (dotadas de mais meios técnicos e financeiros) estas medidas são frequentemente uma realidade, em vilas e aldeias com menos recursos, este tipo de ações é muito escasso. Estudos realizados nas últimas décadas, identificaram esta problemática, ainda que muitas vezes as opções projetuais adotadas, nomeadamente ao nível dos espaços públicos, não se adequem às características espaciais, sociais e culturais do meio em questão. Frequentemente, as respostas encontradas são genéricas e meramente funcionalistas, acabando por contribuir para descaracterizar o próprio meio em vez de o requalificar.

Esta dissertação centra-se numa proposta de boas práticas em termos de intervenção urbana no largo do Mercado de Vila Franca das Naves, que possa constituir um caminho para encontrar soluções que respondam à sua descaracterização atual. Por outro lado pretende-se que esta proposta possa vir a contribuir para a valorização dos espaços públicos e da sua relação com a malha urbana, em detrimento de ações de fragmentação e descaracterização.

O objeto de estudo centrado nos espaços públicos justifica-se pelo facto de ser neles que acontece grande parte da vida coletiva e das atividades humanas em comunidade, através do encontro das pessoas que fazem parte do quotidiano das cidades, vilas e aldeias. É neles que acontece grande parte da socialização das massas, constituindo assim um reflexo da sociedade e um retrato do meio.

Conclui-se que com pequenas ações que organizem aspetos como a circulação pedonal, o trânsito automóvel, ou o circuito das ciclovias; que estructurem lugares como os espaços de estadia, de recreio ou de mercados e feiras; e que definam a colocação de elementos do mobiliário urbano, árvores ou pequenos equipamentos de lazer (como parque infantis ou locais de estadia), desempenham um papel fundamental na requalificação e dinamização dos espaços públicos em pequenos aglomerados urbanos. Como se pôde verificar o Largo do Mercado em Vila Franca das Naves é o espaço público por excelência, isto é, o lugar das vivências coletivas da vila.

Palavras-chave

Espaço público, lugar, medidas projetuais, requalificação urbana, Largo do Mercado, Vila Franca das Naves.

Abstract

Given the physical variation of contemporary urban perimeters, it is observable, in some urban areas in Portugal, an unregulated and fragmented expansion of urbanized areas. On the other hand, consolidated spaces of the historic city, have not always been subject of intervention measures conducive to their rehabilitation. However, if in large cities (equipped with more technical and financial means) these measures are often a reality in towns and villages with fewer resources, where this type of action is very scarce. Studies in recent decades have identified this problem, although often projective options adopted, particularly in terms of public spaces, aren't suited to the spatial characteristics, social and cultural rights of the area in question. Often, the solutions are generic and merely functionalistic and eventually contribute to disfigure the area itself rather than their requalification.

This dissertation focuses on a proposal of good practice in terms of urban intervention in the Largo do Mercado in Vila Franca das Naves, which can be a way to find solutions that respond to their destruction. On the other hand it is intended that this proposal is likely to contribute to the enhancement of public spaces and their relationship with the urban structure, to the detriment of cluster actions and mischaracterization.

The object of study focused on public spaces is justified by the fact that it happens with the collective life and human activities in the community, through the encounter of people who are part of the daily life of cities, towns and villages. Which happens with the socialization of the masses, thus constituting a reflection of society and a picture of the area.

It is concluded that with small actions to organize aspects such as pedestrian traffic, car traffic or the circuit of bike paths; structuring places like the leisure spaces, for pleasure or markets and fairs; and defining the placement of elements of street furniture, trees or small leisure facilities (such as playgrounds or places to stay), play a key role in the redevelopment and revitalization of public spaces in small urban areas. As we could see, Largo do Mercado in Vila Franca of Naves is the public space by excellence, that is, the place of the collective experiences of the village.

Keywords

Public space, place, projectual measures, urban requalification, Largo do Mercado, Vila Franca das Naves.

Índice

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Lista de Figuras

Lista de Tabelas

1 Introdução	1
1.1 Identificação da problemática	3
1.2 Objetivos	3
1.3 Metodologia	5
1.4 Estrutura	5
2 Espaço urbano contemporâneo	7
2.1 Dicotomia Urbano / Rural	9
2.2 O Espaço Urbano Contemporâneo	10
2.3 Trauma Urbano - uma questão de identidade e memória	12
Síntese	13
3 O espaço público	15
3.1 Conceitos e Considerações sobre o espaço público	17
3.2 Características do espaço público	19
3.2.1 Características tipológicas do espaço público	19
3.2.2 Características de lazer do espaço público	20
3.2.3 Características ambientais do espaço público	20
3.3 Bons princípios projetuais de intervenção no espaço público	21
Síntese	34
4 Exemplos de intervenções em espaços públicos	36
4.1 Critérios de seleção das intervenções	38
4.2 O Bairro da Malagueira - Évora	39
4.3 O Parque das Nações - Lisboa	45
Síntese	49
5 O Largo do Mercado em Vila Franca das Naves	51
5.1 Localização e enquadramento	53
5.2 Identificação e análise da área de estudo	55
5.2.1 Limites	56
5.2.2 Arranjo paisagístico do Largo da Feira de 1998	61
5.2.3 Situação atual	63
6 Um lugar no espaço público: proposta de requalificação urbana	73
6.1 Principais traços da proposta de requalificação urbana	75

6.2 Proposta concetual para um espaço público de qualidade	79
7 Conclusão	91
Bibliografia	95

Lista de Figuras

1. Porta em Sesimbra, Portugal; (pág. 1)

Fonte: <http://www.demilked.com/door-decorations-exterior-design-art/>, consultado em 29 de Setembro de 2015.

2. Graffiti de um coração, Porto Alegre, Brasil; (pág. 7)

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Graffiti_of_heart,_Santana,_Porto_Alegre_City,_Rio_Grande_do_Sul,_Brazil.JPG, consultado em 29 de Setembro de 2015.

3. Atmosfera pública; (pág. 15)

Fonte: <https://www.pinterest.com/pin/573083121307470115/>, consultado em 26 de Setembro de 2015.

4. Proteção contra o tráfego; (pág. 22)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

5. Segurança nos espaços públicos; (pág. 23)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

6. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis; (pág. 24)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

7. Espaços para caminhar; (pág. 25)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

8. Espaços de permanência; (pág. 26)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

9. Ter onde sentar; (pág. 27)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

10. Possibilidade de observar; (pág. 28)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

11. Oportunidade de conversar; (pág. 29)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

12. Locais para atividades físicas; (pág. 30)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

13. Escala humana; (pág. 31)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

14. Possibilidade de aproveitar o clima; (pág. 32)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

15. Boa experiência sensorial; (pág. 33)

Fonte: idem, consultado em 15 de Setembro de 2015.

16. Imaginabilidade do lugar; (pág. 35)

Fonte: <http://art.newcity.com/wp-content/uploads/2011/09/Mindy-Rose-Schwartz.jpg>, consultado em 16 de Setembro de 2015.

17. Esquisto de análise dos princípios gerais do plano (Siza 1978) (pág. 40)

Fonte: COELHO, Rodrigo (2012) - Formas e desígnios do espaço público na cidade contemporânea. O projecto do espaço público na construção da cidade: casos portugueses. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento, consultado em 17 de Setembro de 2015.

18. Perfil e vista aérea da proposta (Siza, 1977); (pág. 40)

Fonte: Idem

19. Planta da situação antes de intervenção (pág. 41)

Fonte: Idem

20. Sistema de espaços públicos intermédios (pág. 42)

Fonte: Idem

21. Tipologias de espaço público (pág. 43)

Fonte: Idem

22. Lago do Bairro da Malagueira (pág. 44)

Fonte: www.panoramio.com consultado em 10 de Setembro de 2015.

23. Outra perspetiva do lago (pág. 44)

Fonte: www.panoramio.com consultado em 10 de Setembro de 2015.

24. Planta atual da zona do parque das Nações (pág. 45)

Fonte: http://4.bp.blogspot.com/-063Tc-j6OJI/T-0D1iIzCSI/AAAAAAAAADKk/jXTlwOes_08/s640/Expo98+planta+pós98.jpg, acedido a 30 de setembro de 2015.

25. Passadiço pedonal junto à doca dos olivais (pág. 46)

Fonte: Idem

26. Equipamentos urbanos na proximidade do Oceanário de Lisboa (pág. 46)

Fonte: Idem

27. Percurso pedonal na frente ribeirinha (pág. 47)

Fonte: Idem

28. Vulcões e linhas de água na Alameda dos Oceanos (pág. 47)

Fonte: Idem

29. Utilização dos percursos do parque para atividades de lazer e desporto (pág. 48)

Fonte: Idem

30. Pérgula do Largo do Mercado (pág. 51)

31. Localização de Vila Franca das Naves (pág. 53)

Fonte: www.bing.com

32. Foto aérea de Vila Franca das Naves (pág. 55)

Fonte: idem.

33. Enquadramento do largo no contexto da vila (pág. 56)

34. Esquema de implantação e edificação e edificação da rua norte do largo (pág. 57)

35. Esquema de implantação e edificação e edificação da rua este do largo (pág. 58)

36. Esquema de implantação e edificação e edificação da rua sul do largo (pág. 59)

37. Esquema de implantação e edificação e edificação da rua oeste do largo (pág. 60)
38. Planta de pavimentos e equipamentos (arranjo paisagístico de 1998) (pág. 61)
39. Planta atual do Largo do Mercado, Vila Franca das Naves (pág. 62)
40. Identificação da zona em análise - Zona A (pág. 63)
41. Perspetiva da zona em análise - Zona A (pág. 64)
42. Identificação da zona em análise - Zona B (pág. 64)
43. Perspetiva da zona em análise - Zona B (pág. 65)
44. Identificação da zona em análise - Zona C (pág. 65)
45. Perspetiva da zona atual de merendas (pág. 66)
46. Pormenor de pavimentação (pág. 66)
47. Identificação da zona em análise - Zona D (pág. 67)
48. Perspetiva para o parque infantil (pág. 68)
49. Parque infantil fotografado a partir da rua norte (pág. 68)
50. Identificação da zona em análise - Zona E (pág. 69)
51. Perspetiva da zona em análise - Zona E (pág. 69)
52. Identificação da zona em análise - Zona F (pág. 70)
53. Perspetiva a partir do lado oeste da zona em análise (pág. 71)
54. Perspetiva a partir do lado este da zona em análise (pág. 71)
55. Perspetiva panorâmica da zona em análise (pág. 71)
56. Pormenor da pavimentação na zona sob a pérua (pág. 72)
57. Representação de uma atmosfera social (pág. 73)
58. Planta de identificação das zonas a intervir, Largo do Mercado, Vila Franca das Naves (pág. 75)
59. Planta atual do Largo do Mercado (pág. 79)
60. Proposta concetual de requalificação do Largo do Mercado (pág. 80,81)
61. Esquema de intervenção para a zona 1 (pág. 82,83)
62. Esquema de intervenção para a zona 2 (pág. 84,85)
63. Esquema de intervenção para a zona 3 (pág. 86,87)
64. Esquema de intervenção para a zona 4 (pág. 88,89)

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Tipologias e características dos espaços urbanos públicos (pág. 39)

Fonte: SERDOURA, Francisco (2006). Espaço público, vida pública: o caso do parque das nações. Tese de doutoramento. Lisboa. Pág.57



1 - Porta em Sesimbra, Portugal

1 | Introdução

1.1 Identificação da Problemática

Perante a variação física dos perímetros urbanos na cidade contemporânea, observa-se em alguns casos em Portugal, uma expansão desregulada e fragmentada dos novos espaços urbanizados. Por outro lado, os espaços consolidados da parte histórica dos aglomerados urbanos, nem sempre têm vindo a ser alvo de medidas de intervenção conducentes à sua requalificação. Contudo, se nas grandes cidades (dotadas de mais meios técnicos e financeiros) estas medidas de requalificação urbana são frequentemente uma realidade, em vilas e aldeias com menos recursos, este tipo de ações nem sempre abunda. Consequentemente, os espaços urbanos centrais destas vilas e aldeias, que são frequentemente os principais espaços públicos das vivências coletivas das comunidades locais, vão-se tornando crescentemente desestruturados no contexto da malha urbana envolvente e estagnados no que concerne às dinâmicas sociais que neles ocorrem. Estudos realizados nas últimas décadas, identificaram esta problemática, ainda que muitas vezes as opções projetuais adotadas, nomeadamente ao nível dos espaços públicos, não se adequem às características espaciais, sociais e culturais do meio em questão. Frequentemente, as respostas encontradas são genéricas e meramente funcionalistas, acabando por contribuir para descaracterizar o próprio meio em vez de o requalificarem.

Ora, o Largo do Mercado em Vila Franca das Naves não constitui uma exceção face a esta problemática. Trata-se do espaço público por excelência à escala deste pequeno aglomerado urbano, que ocupa o lugar central na hierarquia funcional da malha urbana. Contudo, tem vindo a ser alvo de um processo de declínio, na sequência quer da inoperância e falta de intervenção, quer na presença de algumas medidas projetuais nem sempre eficazes. Refiram-se a título de exemplos, a desorganização dos espaços de estacionamento pela ausência de identificação e delimitação dos locais para este propósito ou a localização inapropriada do atual parque de merendas.

Nesta dissertação a problemática estudada constitui, portanto, um desafio para o repensar do espaço público através do desenho urbano, tendo como estudo de caso o referido Largo do Mercado, desta vila do concelho de Trancoso.

1.2 Objetivos

Face à problemática anteriormente descrita, constituem os objetivos fundamentais desta dissertação os seguintes itens, organizados em três vertentes: 1. analisar alguns traços de identidade que caracterizam os espaços urbanos contemporâneos, quer através da sua dicotomia com os espaços rústicos, quer pelo designado “trauma urbano” associado à memória coletiva dos lugares; 2. analisar os critérios associados às características dos espaços públicos de modo a identificar princípios projetuais de boas práticas de intervenção ao nível

do desenho urbano; 3. analisar exemplos de propostas de intervenção urbana que visam requalificar os espaços públicos, centradas em exemplos considerados marcantes por servirem de inspiração a outros casos e nomeadamente ao estudo de caso de Vila Franca das Naves.

Assim, esta dissertação centra-se numa proposta de boas práticas em termos de intervenção urbana, dirigida para o Largo do Mercado em Vila Franca das Naves, que possa constituir um caminho para futuras soluções que minimizem a sua descaracterização atual e o tornem num lugar de identidade da comunidade local, por ela apropriado de modo estruturante e dinamizador de vivências sociais e culturais. Não se pretende contudo, proceder à definição de uma proposta detalhada e definitiva de desenho urbano deste espaço público central. Pretende-se antes, aplicar um conjunto de boas práticas projetuais que possam servir de inspiração a futuras intervenções de requalificação do local. Por outro lado pretende-se que esta proposta possa vir a contribuir para a valorização deste espaço público e da sua relação com a malha urbana envolvente, contribuindo para inverter um passado de ações de fragmentação deste espaço e da sua descaracterização.

O objeto de estudo está, portanto, centrado nos espaços públicos, o que se justifica pelo facto de neles ocorrer grande parte da vida coletiva e das atividades humanas em comunidade, através do encontro das pessoas que fazem parte do quotidiano das cidades, vilas e aldeias. É neles que acontece grande parte da socialização das massas, constituindo assim um reflexo da sociedade e um retrato do meio.

Em síntese, pretende-se demonstrar como a partir de pequenas ações que organizem aspetos determinantes da fruição dos espaços públicos, como sejam a circulação pedonal, o trânsito automóvel ou o circuito de ciclovias; que estruturam os lugares como os espaços de estadia, de recreio, de encontro ou da realização de eventos como mercados e feiras; e que definam os locais mais indicados para a colocação dos elementos do mobiliário urbano, árvores ou pequenos equipamentos de lazer (como parque infantis ou locais de estadia), se poderá contribuir para a requalificação e dinamização dos espaços públicos em pequenos aglomerados urbanos. Ora, o Largo do Mercado em Vila Franca das Naves é o espaço público por excelência, isto é, o lugar das vivências coletivas à escala do aglomerado urbano, pelo que o objetivo de repensar este local não é desprovido de interesse científico no domínio do desenho urbano.

Por último importa não esquecer que a oportunidade de repensar este espaço, não é alheia ao seu atual processo de degradação crescente, de perda de identidade como espaço público central da vila, bem como de enfraquecimento das memórias que constituem o imaginário coletivo dos cidadãos da vila, quanto ao seu papel de lugar central, no contexto da malha urbana.

1.3 Metodologia

Esta dissertação compreende as seguintes fases metodológicas: pesquisa e revisão da bibliografia; sistematização de boas práticas projetuais de requalificação dos espaços públicos; recolha documental (cartografia, fotografia, projetos e propostas de intervenção urbana) relativas ao estudo de caso; diagnóstico urbanístico do estudo de caso; estabelecimento de propostas projetuais de requalificação do estudo de caso.

Assim, a primeira fase metodológica desta dissertação diz respeito à pesquisa e revisão bibliográfica, com o intuito de identificar novas abordagens, perspetivas inovadoras e contributos considerados valiosos na requalificação dos espaços públicos centrais, no contexto da cidade contemporânea.

Numa segunda fase será identificado e sistematizado um conjunto de boas práticas projetuais de requalificação dos espaços públicos urbanos, resultantes da fase metodológica anterior e de modo a que possam vir a ser aplicados ao estudo de caso.

A terceira etapa metodológica centra-se na pesquisa documental de elementos relativos ao estudo de caso, Vila Franca das Naves e em particular ao Largo do Mercado. Visa recolher documentos de cartografia, fotografia aérea, peças documentais escritas e desenhadas de propostas de intervenção urbana neste local que contribuam para proceder ao diagnóstico urbanístico do seu estado atual. Este diagnóstico constitui a quarta fase metodológica e visa identificar os principais aspetos positivos e negativos ao nível da sua fruição pelos cidadãos residentes e utentes que advém das suas características espaciais.

Por último a quinta fase metodológica visa apresentar uma proposta exemplificativa de boas práticas de desenho urbano ao nível projetual, a aplicar ao estudo de caso do Largo do Mercado em Vila Franca das Naves.

Refira-se ainda que pese embora não se tenha procedido formalmente à realização de inquéritos de forma sistematizada, foram ouvidas a título informal, alguns habitantes desta vila, de modo a auscultar a sua opinião sobre o Largo do Mercado. Esta prática visou informar a compreensão sobre o objeto de estudo desta dissertação, de modo a ajustar as propostas às expectativas e aspirações da comunidade local.

1.4 Estrutura

A primeira parte desta dissertação está organizada segundo três pontos essenciais: o ponto 2 “Espaço urbano contemporâneo” no qual se proceder a uma abordagem sobre algumas das suas características na cidade hodierna; o ponto 3 “O espaço público” no qual se procede a uma análise sobre a importância destes locais e a conjunto de boas práticas projetuais a eles associado; e o ponto 4 “Exemplos de intervenções em espaços públicos” recorre a dois casos concretos, o bairro da Malagueira em Évora e o Parque das Nações em

Lisboa, para identificar as boas práticas projetuais dirigidas aos espaços públicos que neles foram postas em prática. Estes dois exemplos servem de inspiração para o estudo de caso de Vila Franca das Naves.

Este estudo de caso é o objeto de análise da segunda parte desta dissertação correspondente ao ponto 5. “O Largo do Mercado em Vila Franca das Naves” e que visa caracterizar esta área de estudo. Por último o ponto 6 “Um lugar no espaço público: proposta de requalificação urbana” pretende indicar soluções de intervenção urbana que possam contribuir para estruturar e dinamizar este espaço central desta vila do concelho de Trancoso.



2 - Grafitti de um coração, Porto Alegre, Brasil

2 | Espaço urbano contemporâneo

Neste ponto, intitulado “Espaço Urbano Contemporâneo”, serão abordados os seguintes subpontos: “Dicotomia Urbano/Rural”, onde a relevância deste tema surge da necessidade de entender em que medida os espaços urbanos podem ser definidos por oposição aos espaços rústicos ou rurais; o segundo ponto, denominado “Espaço Urbano Contemporâneo” é apresentado devido à necessidade e pertinência de enquadrar as características que lhes estão associadas na cidade hodierna; no terceiro e último ponto, “Trauma Urbano: uma questão de identidade e memória”, serão abordadas as problemáticas adjacentes à contemporaneidade, relacionadas com a identidade dos lugares e a memória coletiva que os cidadãos têm deles.

Todos estes aspetos, influenciam a apropriação dos espaços públicos ao nível da sua fruição pelos cidadãos, face a situações de desrespeito e indiferença pela sua identidade, por inação ou devido a ações de intervenção urbana das mais diversas índoles que levam à sua descontinuidade com a malha urbana envolvente, tornando-os fragmentados.

2.1 Dicotomia Urbano / Rural

Quando se pensa na dicotomia existente entre os conceitos de urbano e rural, imediatamente se remete para a dicotomia entre a cidade e o campo. Esta separação entre o que é considerado cidade e o que é considerado campo, ganhou ênfase aquando da revolução industrial, no século XVIII¹ e da consolidação urbana inerente ao processo de industrialização.

No entanto, na realidade atual, esta separação bastante clara existente até ao século passado, não é, hoje, de tão fácil distinção.

De uma cidade bem delimitada, incluindo por muralhas, em contraponto com o território fora de portas do espaço rural, passou-se para um modelo de organização urbana assente na dicotomia entre centro e periferia. Neste modelo são cada vez mais ténues as fronteiras entre o espaço urbano e o rural, com a difusão da urbanização pelo território outrora correspondente ao campo, dificultando a identificação dos limites da cidade.

Deste modo, em vez de se tentar entender o que os torna distintos entre si, deverá estudar-se em que medida, estes dois conceitos que remontam para significados tão rigidamente distintos, poderão atualmente, ser estudados como complemento um do outro no meio, ao invés de opostos.²

Por espaço urbano entende-se o território destinado predominantemente à edificação e à urbanização, cujo limite coincide com o designado perímetro urbano. Assim, as aldeias, vilas ou cidades inserem-se no conceito de espaço urbano, sendo o polígono que os delimita, a separação para o espaço rustico. Por espaço rustico ou rural entende-se o território no qual as atividades dominantes são de cariz agrícola, florestal, natural entre outras. Não sendo portanto locais destinados à urbanização ainda que neles possa ocorrer a edificação. Ou seja a construção de edifícios é algo que está presente em ambas as classes de espaços (urbano / rural) contudo apenas os primeiros se destinam à urbanização.

¹ SILVA, Rhafic Concolato da; et al.. 2011. as relações rural-urbano no brasil contemporâneo, acessado a 15 de julho de 2015 < <http://revistanadir.yolasite.com/resources/Artigo%20revista%20Nadir2.pdf>>

² JACINTO, Janério Manuel. 2012, o rural e o urbano: contribuições para a compreensão da relação do espaço rural e do espaço urbano. Revista Percurso – NEMO, Maringá, v. 4, n. 2, p. 173- 191.

2.2 Espaço urbano contemporâneo

Como o próprio termo já sugere, o espaço urbano só poderá ser entendido no momento contemporâneo, através de uma viagem no tempo que compreenda as suas características não apenas no momento atual mas ao longo do tempo. À medida que o espaço urbano mantém uma relação intrínseca com o tempo, ou seja, vai sobrevivendo com a sua passagem ainda que em permanente evolução, desencadeia-se uma sobreposição de tempos diferentes, e de memórias que deles se mantêm, a par de outras que vão desaparecendo.³ Ora, por vezes os projetos de intervenção nos espaços urbanos são também eles um contributo para manter algumas destas memórias e para apagar outra delas.

A definição de um espaço urbano enquanto se está imerso na sua realidade pode exigir algum exercício ao nível da perceção, ou seja, da imagem que os cidadãos têm dele. Assim, as expressões e as marcas da contemporaneidade vão transparecer na relação que o espaço urbano adquire com a identidade, com o conhecido e com a memória, ou seja, com o modo como os cidadãos se identificam com ele, passando a chama-lo seu. Esta perceção está associada precisamente ao conceito de lugar, ou seja o espaço urbano que é apropriado pelo indivíduo. É necessário, portanto, que a relação entre estes elementos (a memória, o conhecido e a identidade) contribuam para favorecer uma apropriação estruturante e dinamizadora, ao nível da fruição dos espaços. Por outro permite-se, que as esferas sociais e espaciais consigam estar interligadas, influenciando-se mutuamente, mantendo o espaço urbano vivo e vivido, sem que seja esquecido, e como lugar pertencente aos cidadãos que o utilizam.

Neste plano, da imagem da cidade, Kevin Lynch é um dos autores que mais estuda as relações entre homem - espaço, imagem - real, arquitetura - meio ambiente - desenho/paisagem urbana.⁴ Neste conjunto de relações, outros autores⁵ sugerem que o sujeito que vivencia um determinado local, irá criar imagens mentais do que experienciou nesse mesmo local. Como qualquer outra experiência de caráter individual, as imagens resultantes dum mesmo local para um grupo de diversos indivíduos irão, obviamente, ser diferentes, seja devido às experiências individuais de cada sujeito observador, seja devido à sua cultura ou até mesmo aos saberes adquiridos individualmente.

Deste modo, qualquer intervenção que possa ser feita num espaço sujeito a propostas de requalificação, deve primeiramente, estudar e avaliar estas perceções as imagens criadas

³ JORGE, Luís António . Memória e cultura na cidade contemporânea. In: Abílio Guerra; Roberto Novelli Fialho. (Org.). O arquiteto e a cidade contemporânea. 1a. ed. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2009, v. 1, p. 96-103.

⁴ Scocuglia, et al, 2006 Percepção e memória da cidade: o Ponto de Cem Réis. Acedido a 15 de julho de 2015 < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.068/393>>

⁵ Idem.

por parte dos seus utilizadores. Só assim será possível que a resposta projetual a ser adotada respeite tanto a memória individual como a memória coletiva do local, o que poderá ser possível ao entender e relacionar a sobreposição entre o que se pretende melhorar e as especificidades preexistentes no espaço. Por outro lado, há que reestruturar os diversos elementos que o compõem, de modo a que seja formada uma imagem contemporânea que respeite as questões de identidade e memória de cada local.

2.3 Trauma Urbano - uma questão de identidade e memória

Como referido no ponto anterior, num espaço urbano que se encontra em constante metamorfose e onde a linguagem arquitetónica procura a verdadeira contemporaneidade, pode observar-se um apelo à ‘velocidade’ nas respostas de intervenção urbana e à ‘imagem’ comercial de modo a “vender” os espaços. Entre estas preocupações está a necessidade de atrair turismo, e manter os espaços atrativos, o que leva a que o meio urbano seja frequentemente manipulado de modo a corresponder à imagem que se considera ‘ideal’. Este facto gera o que se poderá designar por traumas urbanos resultantes do desrespeito pela memória e identidade dos lugares. Neste sentido, podem encontrar-se em algumas zonas, uma malha urbana fragmentada com espaços públicos que desrespeitam a memória do local e das gentes que os vivenciam, violentando muitas das vezes a memória coletiva e os traços da histórica do lugar. Um exemplo é atual estado de conservação e organização do Largo do Mercado em Vila Franca das Naves. Neste local verifica-se que quer a ausência de manutenção, quer a distribuição das diferentes atividades de forma desadequada levam ao abandono crescente e à falta de interesse pela população.

Neste sentido, Innerarity refere que, “o espaço público é um espaço de recordação comum”⁶ onde a história e a memória serão temas que poderão clarificar a identidade coletiva. No entanto, novas culturas emergem, novas tecnologias evoluem continuamente, de modo a que também os elementos constituintes do espaço urbano terão de estar em constante reformulação em busca da já referida “imagem ideal”. Contudo deverão fazê-lo mantendo viva a memória. A reformulação dos espaços públicos, numa busca de respostas à sua evolução constante e às diversas necessidades dos cidadãos, poderá gerar conflitos, entre as questões da memória e as necessidades contemporâneas. Também com as novas tecnologias e meios de comunicação, se deixa de ter acesso ao mundo por experiência própria, em prol de percepções virtuais. Como refere ainda Innerarity, “vivemos num mundo em segunda mão”⁷, onde a experiência na cidade, no meio urbano, não é autêntica porque já ouvimos falar, já nos foi contado como é o lugar e das suas características. Aqui, perde-se a experiência real com que alguns filósofos e sociólogos nos deleitam nos seus relatos sobre a cidade e as experiências nela vividas. Esta experiência e esta verdade, de observação direta e de contacto com a realidade, só poderá ser praticada no despojar das experiências virtuais.

Para que isto aconteça, as alterações que possam vir a ocorrer nos espaços públicos, devem incentivar os utilizadores a experienciarem-nos, o que só acontecerá se o espaço for de qualidade, o que passa também por respeitar as questões de identidade e memória entre ele e o seu utilizador.

⁶ INNERARITY, Daniel, O Novo Espaço Público. Teorema. Pg.181

⁷ Idem, pág. 89

Síntese

Da análise anteriormente descrita importa reter no âmbito desta dissertação os seguintes aspetos:

- a dicotomia **urbano vs. rural** é cada vez mais ténue, com as funções associadas aos espaços urbanos a estenderem-se cada vez mais para os espaços rurais, como seja o caso da proliferação de edifícios para além do perímetro urbano;
- o **espaço urbano** é influenciado pela necessidade de dar respostas de modo a criar uma “imagem ideal” dos lugares;
- é necessário preservar e respeitar as **memórias físicas e sociais** dos lugares, evitando representações que não correspondem à realidade e que negligenciam a imagem coletiva do espaço.



3 - Atmosfera pública

3 | O espaço público

Neste ponto, intitulado “O Espaço Público”, serão abordados os seguintes itens: “Conceitos e considerações sobre o espaço público”, no qual a relevância recai na necessidade de definir o que é um espaço público e a sua importância à escala do espaço urbano. No segundo ponto, denominado “Caraterísticas do espaço público” serão apresentadas as diversas tipologias que o espaço público pode apresentar bem como algumas das suas características tanto a nível funcional como ambiental. No terceiro e último ponto, “Bons princípios projetuais de intervenção no espaço público”, serão apresentados os princípios projetuais que se consideram constituir um manual de boas práticas a este nível. As principais referências bibliográficas nesta matéria são Ian Gehl, Lars Gemzoe, Sia Karnaes e Britt Ekland, no livro “New City Life” (2006), considerados os princípios de referência quando se pretende classificar a qualidade inerente aos espaços públicos.

3.1 Conceitos e considerações sobre o espaço público

No ‘Dictionnaire de l’urbanisme et de l’aménagement’ obtém-se a seguinte designação de espaço público: pertence ao domínio público ou seja, para uso público e é o palco da vida em comunidade. A sua constituição acompanha paradoxalmente uma participação direta na vida urbana e podem ser formados por áreas abertas ou livres (zonas verdes, parques, ruas) ou então por edificado.⁸

Borja e Muxi concordam com o autor anterior no que diz respeito aos constituintes do espaço público (ruas, praças, espaços verdes e edificado)⁹. Já Pedro Brandão acrescenta que para além de ser palco da vida em comunidade, o espaço público é formador da forma urbana desempenhando um papel articulador e organizador da própria malha urbana.¹⁰

Sendo então o espaço público tido como elemento de articulação e organização do tecido urbano, é também dinamizador do espaço, da vida social e das atividades exteriores. Deste modo, uma das análises a serem feitas e que permite qualificar um espaço urbano é a qualidade dos seus espaços públicos, pelo que, a capacidade de manter ou criar espaços públicos com qualidade e destes persistirem temporalmente, são dois dos fatores que condicionam o uso social dos diferentes espaços urbanos. Esta capacidade, como referem Borja e Muxi, passa pelo “desenho, acessibilidade, beleza, monumentalidade, promoção, manutenção, diversidade de usos e atividades possíveis.”¹¹

Assim, o espaço público pode ser entendido não só como o espaço entre edifícios, como espaço aberto, mas também como elemento articulador e organizacional do tecido urbano que, quando bem projetado ou planeado irá traduzir-se num indicador de qualidade urbana, na medida em que serão respondidas questões de memória, história do local, bem como a produção de espaço que reestruture a malha urbana e crie uma nova centralidade que possa persistir ao longo do tempo.¹²

Numa outra perspetiva, Kevin Lynch¹³ apresenta um conjunto de princípios para que o desenho do espaço público funcione como elemento dinamizador de um determinado meio:

- vitalidade - onde a organização do espaço segue a função e as necessidades dos utilizadores;

⁸ MERLIN, CHOAY, Dictionnaire de l’urbanisme et de l’aménagement’ 2010. Pg. 317

⁹ BORJA, Jordi; MUXI, Zaida. El espacio público, ciudad y ciudadanía. Barcelona: Electa, 2003, pg.8

¹⁰ BRANDÃO, Pedro. O sentido da cidade: Ensaio sobre o mito da imagem como arquitectura. Lisboa: Livros Horizonte. 2011, pg. 34

¹¹ BORJA, Jordi; MUXI, Zaida. El espacio público, ciudad y ciudadanía. Barcelona: Electa, 2003, pg.69

¹² BRANDÃO, Pedro. O sentido da cidade: Ensaio sobre o mito da imagem como arquitectura. Lisboa: Livros Horizonte. 2011, pg. 34

¹³ LYNCH, Kevin. “Good City Form”. The MIT Press. Cambridge. Massachusetts, 1990, pg.118

- sensação - na medida em que os espaços são pensados e estruturados, a partir do momento e da forma como são apropriados;
- adequação - adequar as características dos espaços dando resposta às necessidades dos utilizadores;
- acesso - a capacidade de circular entre os espaços, chegar a outros lugares e pessoas;

Apesar de se concordar com todos os princípios apresentados, em grande parte das situações, as questões económicas inerentes relativas a custos de construção e manutenção do espaço, podem levar a que estes princípios sejam colocados de lado, levando a que a conceção do espaço público possa ficar aquém da resposta dinamizadora e estruturante procurada.

3.2 Características do espaço público

3.2.1 Características tipológicas do espaço público

Sendo o espaço público um tema tão abrangente, torna-se essencial abordar algumas das suas características tipológicas que lhe conferem capacidades essenciais no planeamento urbano, como um dos elementos passíveis de reestruturação e dinamização.

Deste modo, as tipologias do espaço público destacam-se e diferenciam-se entre si, pelas suas características intrínsecas e pelas relações que as pessoas estabelecem com esses espaços.

Tipologias de Espaços Urbanos Públicos		Características
ESPAÇOS PÚBLICOS LINEARES		
RUAS	Passaios	Zonas onde os peões se movimentam, paralelamente às vias dos veículos automóveis.
	Ruas Exclusivamente Pedonais	Vias para percursos exclusivamente pedonais. Equipadas com mobiliário urbano e vegetação.
	Ruas Com Alguns Condicionamentos	Vias para percursos exclusivos de alguns tipos de veículos, como autocarros e eléctricos ou veículos dos residentes ou de emergência.
	Ruas Condicionadas a Tráfego	Vias que privilegiam a circulação e a estada pedonal.
	Caminhos de ferro	Vias que interligam partes da cidade, através de uma rede de caminhos de ferro urbanos.
FRENTES RIBEIRNHAS		Espaços livres, pedonais, ou de lazer e recreio, marginais a rios ou mares.
ESPAÇOS PÚBLICOS NÃO LINEARES		
LARGOS e PRAÇAS	Largos e Praças Centrais	São espaços derivados da confluência de ruas.
	Outros Largos e Praças	
PARQUES	Parque Central ou Urbano	Fazem parte da estrutura verde urbana
	Parques Médios	
	Parques de Bairro	
	Parques de Pequenas Dimensões	
PARQUES de DIVERSÕES		Zonas de recreio para a comunidade, São equipadas com jogos para as crianças, e bancos e sombreamento para os adultos.
ESPAÇOS LIVRES COMUNITÁRIOS	Jardins	Espaços verdes de bairro.
	Parques	Podem incluir jardins e áreas equipadas de lazer e recreio.
ESPAÇOS LIVRES de BAIRRO		Espaços livres de bairro, incluindo os que estão em fase de reconversão urbana, como lotes vazios, escadarias e esquinas de ruas.
MERCADOS	Mercados Ambulantes	Espaços urbanos, como ruas e espaços amplos, onde os comerciantes se instalam para vender produtos.

Tabela 1 - Tipologias e características dos espaços urbanos públicos

Como podemos observar na tabela 1, e ressaltando as características relevantes para esta dissertação, podemos observar dois grupos tipológicos distintos: os espaços públicos lineares e os espaços públicos não lineares.

Em relação ao primeiro grupo tipológico, interessa salientar os passeios, o elemento destinado à circulação dos peões junto a eixos viários.

No segundo grupo, dos espaços públicos não lineares, é de interesse salientar os espaços de largos como espaço resultante da confluência de ruas; os parques de diversões, que poderão ser equiparados a parques infantis e que se apresentam com equipamentos para realização de jogos e atividades infantis; espaços livres e comunitários, que podendo ser

parques ou jardins, podem apresentar-se como zonas verdes e/ou de lazer; e mercados, caracterizados por serem espaços amplos destinados a comercialização de produtos.

3.2.2 Características de lazer do espaço público

Os espaços públicos de lazer são espaços destinados à socialização entre as pessoas e às atividades que estas desenvolvem nos tempos livres, dentro de um determinado espaço. Nesse espaço, é necessário articular o uso de materiais e equipamentos com as atividades a serem realizadas, para que sejam reunidas as condições que garantam o conforto e apropriação do espaço público, nomeadamente zonas de coberto vegetal ou cascalho, pontos de água e zonas de sombreamento¹⁴.

Como Gehl e Gemzøe referem são, “(...) oásis combinando grande variedade de elementos, espaço e oportunidades para atividades e sossego.”¹⁵

No caso dos espaços públicos de maior centralidade na malha urbana, como é o caso do Largo do Mercado, a maior parte das atividades como por exemplo mercados, feiras e eventos de cariz social têm palco neste mesmo espaço, ressaltando mais uma vez a importância dos espaços públicos nos meios urbanizados.

3.2.3 Características ambientais do espaço público

As características ambientais do espaço público a abordar são: as questões climáticas e a escolha dos elementos naturais.

Relativamente às questões climáticas, Lillebye¹⁶ considera que o efeito resultante das condições climáticas de cada zona, podem afetar a apropriação e utilização dos espaços públicos por parte dos utilizadores, salientando que nestas situações o importante é estabelecer-se uma relação entre o que é natural e os elementos de desenho urbano. Deste modo, a escolha de elementos naturais, como árvores ou qualquer vegetação, devem também ser sugeridos ou selecionados, tendo em conta o clima da própria área de estudo, visto poder existir algumas variações climáticas mesmo dentro do mesmo meio urbano.

¹⁴ Idem pg. 87

¹⁵ Idem pg. 31

¹⁶ LILLEBYE, E. 2001. “The architectural significance of the street as a functional and social arena”. in Colin Jeffrerson, Janet Rowe e Carlos Brebbia (ed), ‘Sustainable Street. The Environmental, Human and Economic Aspects of Street Design and Management’. Advances in Architecture Series. WIT Press. Southampton. Pg. 33

3.3 Bons princípios projetuais de intervenção nos espaços públicos

Os 12 princípios projetuais de intervenção nos espaços públicos recaem, segundo Ian Gehl, Lars Gemzoe, Sia Karnaes e Britt Ekland, em “New City Life”¹⁷ : na proteção contra o tráfego, na segurança nos espaços públicos, na proteção contra experiências sensoriais desagradáveis, nos espaços projetados para caminhar, na agradabilidade dos espaços de permanência, na existência de lugares para sentar, na possibilidade de observar a própria cidade, vila ou aldeia, na criação de zonas propícias à comunicação entre as pessoas, a existência de locais para realizar atividades físicas, a conceção de espaços tendo em conta a escala humana, a possibilidade de aproveitar o clima e por fim, espaços ou equipamentos que resultem numa boa experiência sensorial.

Nestes doze critérios é de interesse para a condução deste trabalho, percebê-los e explicar de que modo a sua aplicação é possível.

De seguida apresentam-se, mais detalhadamente, os 12 critérios.

¹⁷ GHEL, Ian; GEMZØE, Lars; KIRKNAES, Sia; EKLAND, Britt. New City Life. The Danish Architectural Press. 2006

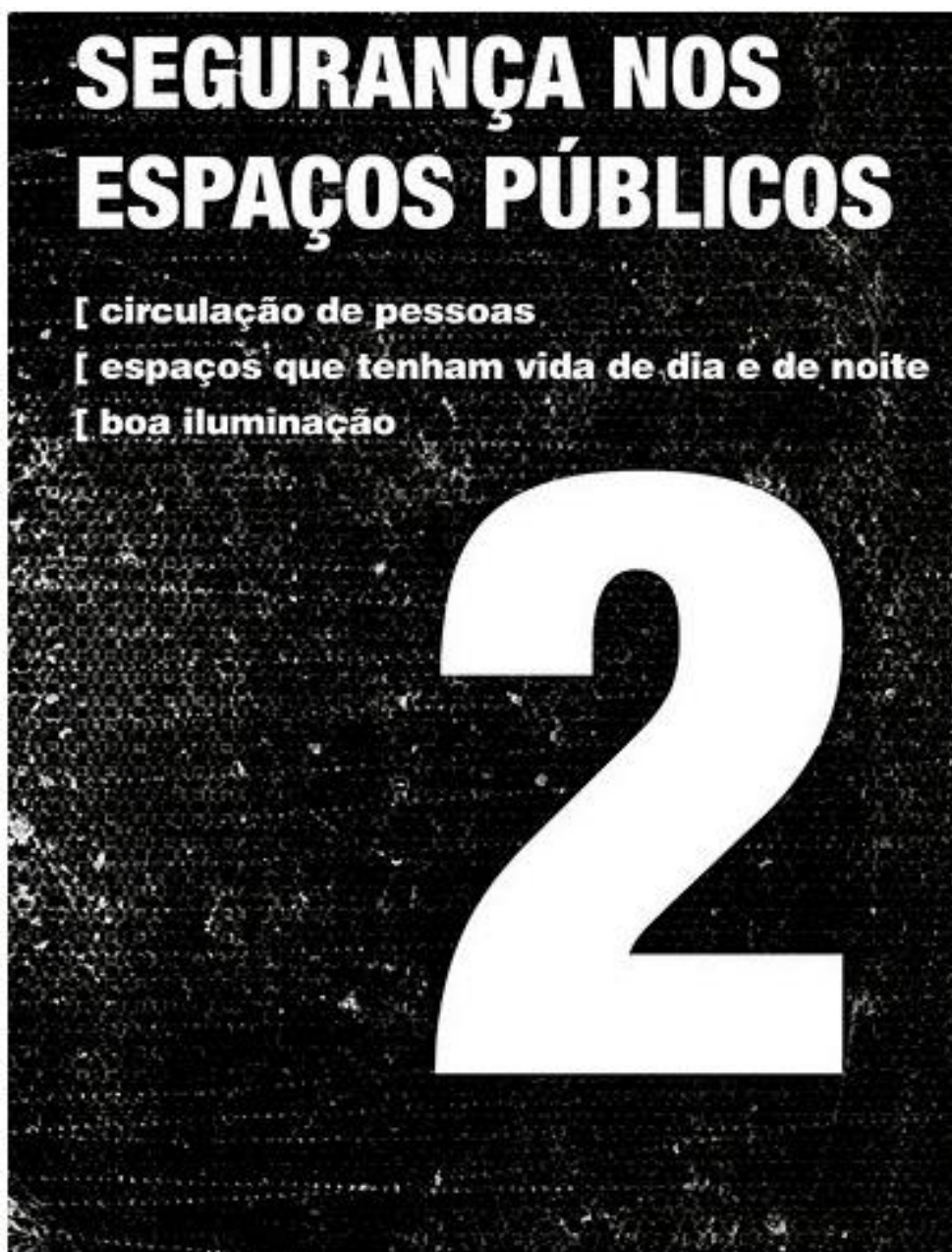


4 - Proteção contra o tráfego

1. Proteção contra o Tráfego

Este primeiro princípio, de proteção contra o tráfego, é direcionado para a questão da segurança para o pedestre face a viaturas que utilizem a via pública que lhes é destinada. Aqui a proteção poderá passar pela criação de zonas de uso pedestre, como passeios ou ciclovias, de modo a criar zonas de circulação específica para cada tipo de utilizador.¹⁸

¹⁸ Romullo Baratto. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015. <<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>



5 - Segurança nos espaços públicos

2. Segurança nos espaços públicos

Neste ponto relativamente à segurança nos espaços públicos, devem pensar-se elementos de iluminação para possíveis atividades a desenvolver em horários noturnos.¹⁹

¹⁹ Romullo Baratto. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015. <<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>

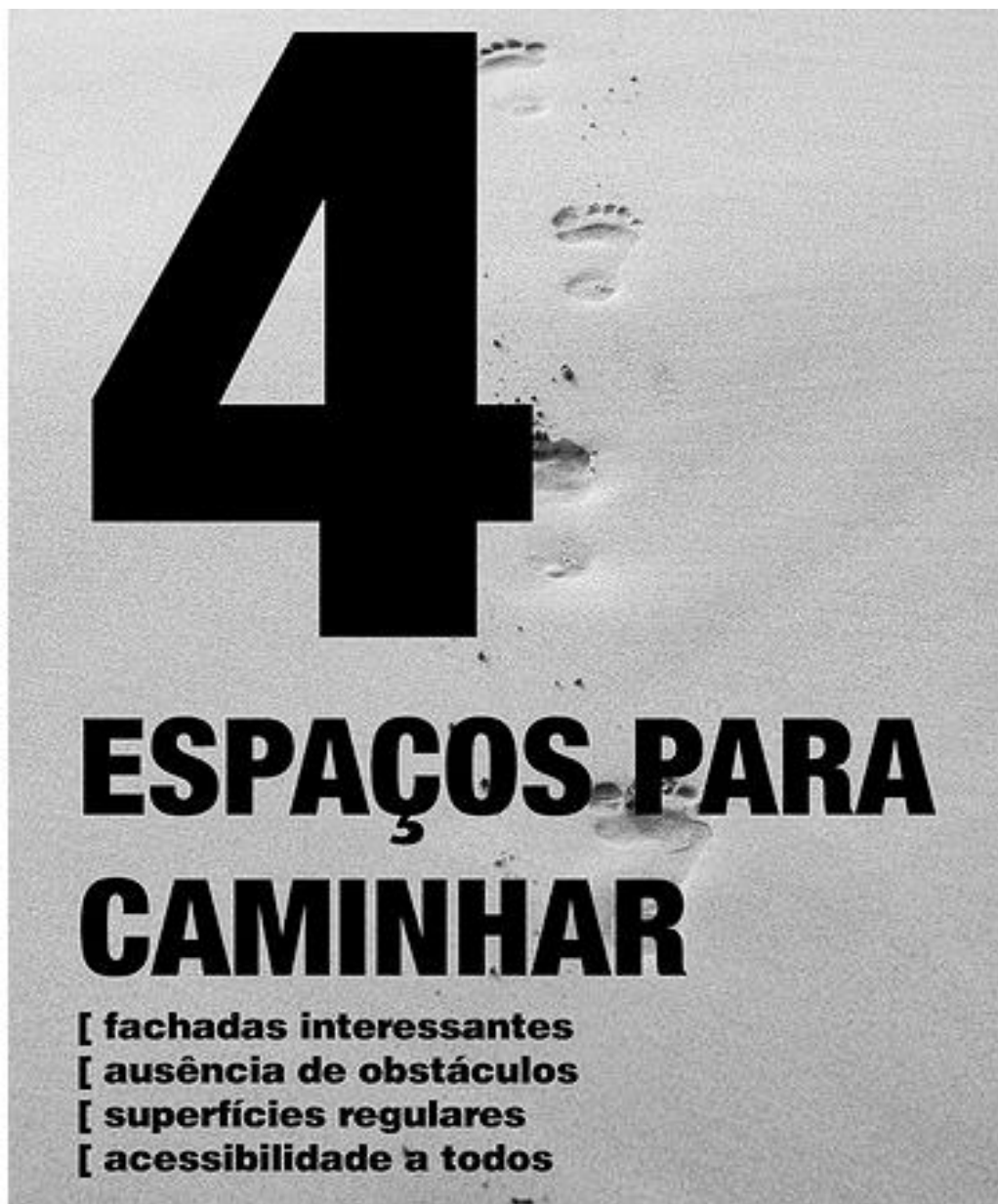


6 - Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis

3. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis

As experiências sensoriais desagradáveis num espaço público podem ser resultado de ações tanto climatéricas, vento, chuva, calor, como de atividades inertes ao próprio meio urbano, como circulação automóvel, que podem criar algum desconforto para o utilizador. A solução poderá passar pela escolha de equipamentos que ajudem na proteção contra intempéries e da possível introdução de elementos verdes e naturais, como árvores.²⁰

²⁰ Romullo Baratto."12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015.<<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>



7 - Espaços para caminhar

4. Espaços para caminhar

Relativamente aos espaços para caminhar, mostra-se necessário que sejam pensados espaços acessíveis a todos, ou seja, tendo em conta a possibilidade de utilização por parte de pessoas com mobilidade condicionada. Deve também tentar garantir-se uma superfície de fácil circulação, sem obstáculos, acompanhada de uma vista que possa despertar o interesse de caminhar pelo utilizador, como por exemplo fachadas interessantes ou percursos junto a pontos de interesse.²¹

²¹ Romullo Baratto. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015. <<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>



8 - Espaços de permanência

5. Espaços de permanência

O quinto critério relativo aos espaços de permanência remete à criação de espaços que suscitem interesse no utilizador para permanecer em determinado local. Este interesse poderá ser despertado se o local em questão for provido de espaços ou elementos com valor contemplativo.²²

²² Romullo Baratto. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015. <<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>

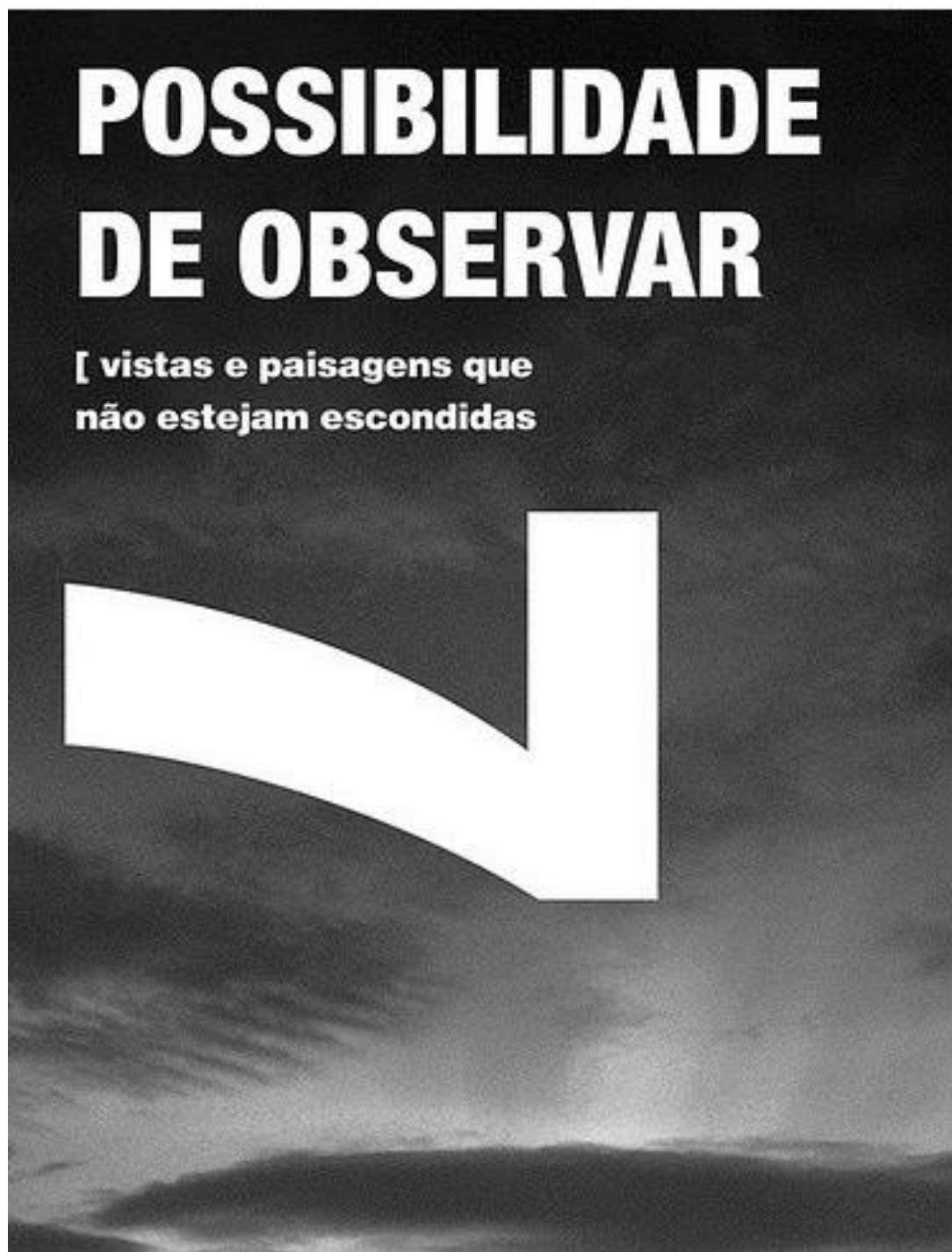


9 - Ter onde sentar

6. Ter onde se sentar

Em qualquer espaço público como zona de socialização e interação de pessoas, zona de lazer ou caminhar, torna-se necessária uma adequação do mobiliário urbano, neste caso zonas de sentar, de modo a que existam lugares de sentar suficientes para o fluxo de utilizadores do espaço. A solução passa muitas vezes, por introduzir mais destes elementos no espaço.²³

²³ Romullo Baratto. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015. <<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>

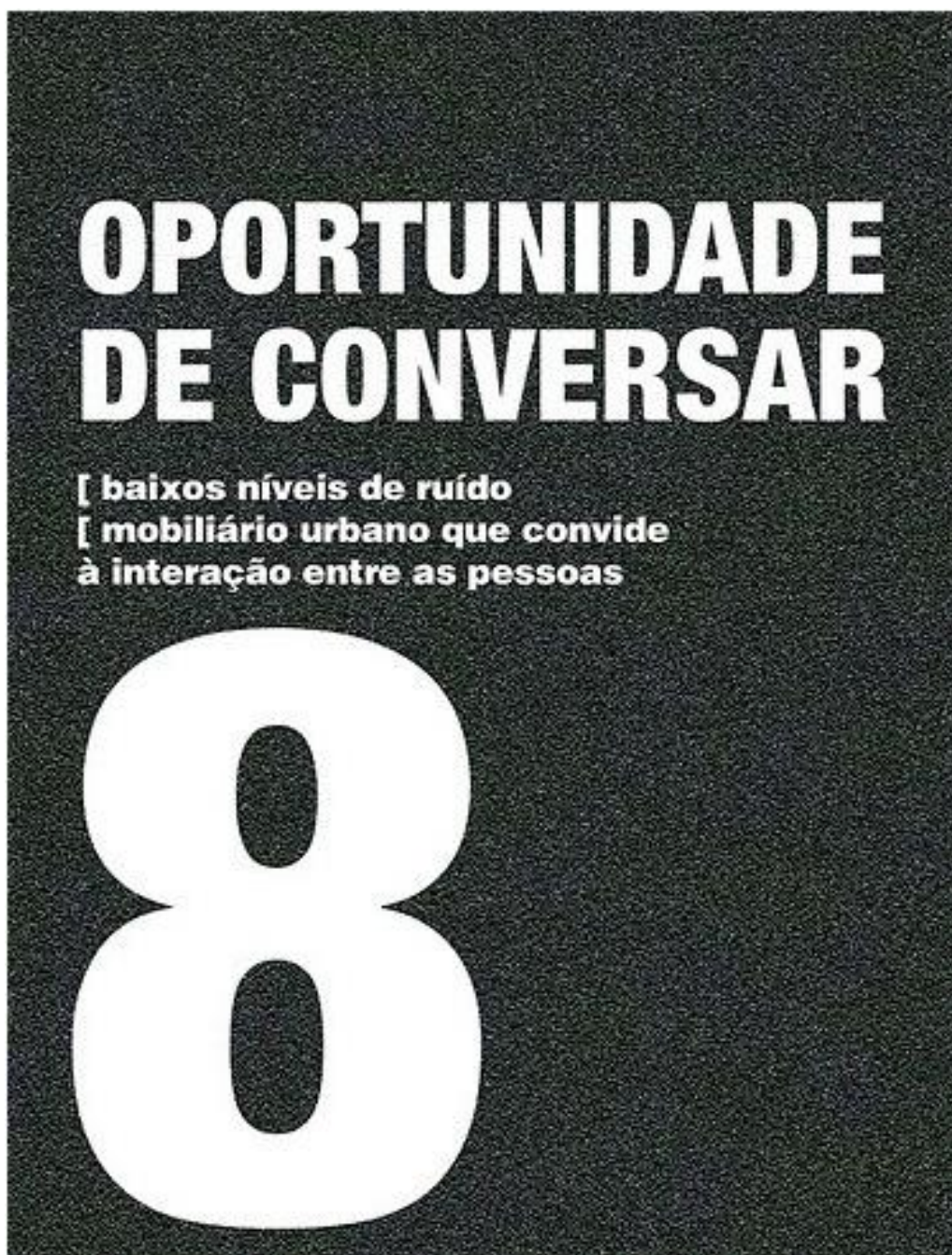


10 - Possibilidade de observar

7. Possibilidade de observar

Neste princípio defende-se que devem existir, sempre que possível, zonas de contemplação para a cidade, a vila ou qualquer outro ponto de interesse, como por exemplo miradouros²⁴

²⁴ Romullo Baratto. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015. <<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>

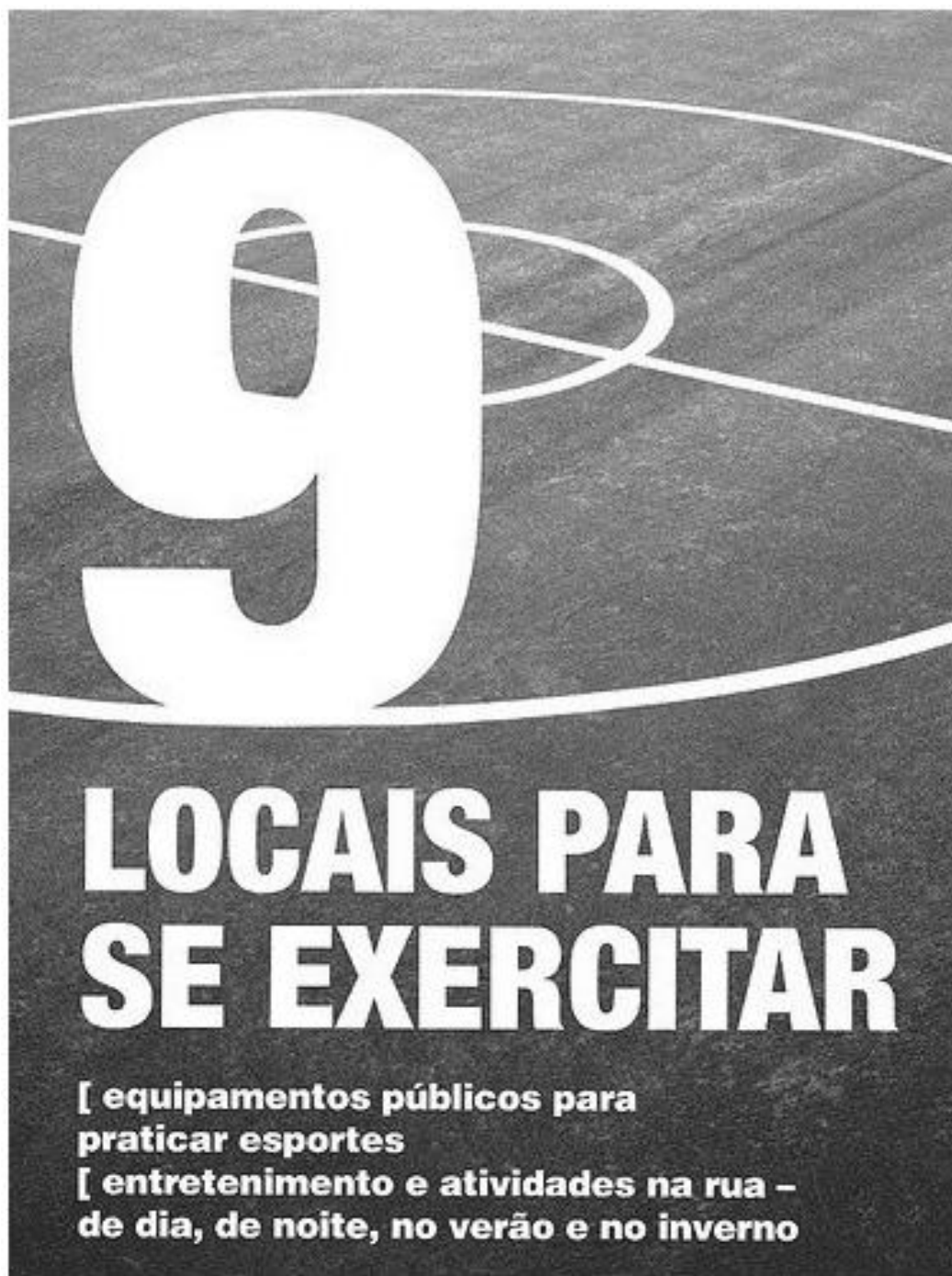


11 - Oportunidade de conversar

8. Oportunidade de conversar

Entendido como local de lazer e de interação entre pessoas, o espaço público deve oferecer uma disposição de mobiliário urbano que evoque a possibilidade de comunicação entre as pessoas. A organização e a localização destas zonas devem incentivar estas relações, evitando criar estes espaços junto a zonas de elevado ruído.²⁵

²⁵ Romullo Baratto. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015. <<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>



12 - Locais para atividades físicas

9. Locais para atividades físicas

Este princípio baseia-se na necessidade da criação de zonas destinadas à prática de desporto por parte dos utilizadores do espaço público. Uma boa opção para a prática de exercício serão as ciclovias e zonas pedonais, bem como os parques infantis.²⁶

²⁶ Romullo Baratto. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015. <<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>



13 - Escala humana

10. Escala Humana

Este princípio pretende estabelecer uma relação entre o indivíduo e qualquer infraestrutura a ser integrada no espaço público. Aqui, torna-se essencial que o novo elemento e o cidadão mantenham uma relação de harmonia na perspectiva objeto - observador.²⁷

²⁷ Romullo Baratto. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015. <<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>



14 - Aproveitar o clima

11. Possibilidade de aproveitar o clima

Relativamente a este princípio, deve reter-se a necessidade de criação de zonas propícias a aproveitamento do espaço público em qualquer estação do ano, independentemente das condições atmosféricas. A solução poderá passar por criar infraestruturas de proteção às intempéries ou a introdução de elementos naturais como arborização²⁸

²⁸ Romullo Baratto. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015. <<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>



15 - Boa experiência sensorial

12. Boa experiência sensorial

Neste último princípio, defende-se que qualquer espaço público deve fornecer mobiliário urbano, materiais de construção e acabamentos de qualidade, bem como a criação de espaço verdes e pontos de água acessíveis ao cidadão de modo a garantir uma boa experiência sensorial.²⁹

²⁹ Romullo Baratto. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Mai 2013. [ArchDaily Brasil](http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico). Acedido a 30 de setembro de 2015. <<http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>

Síntese

Neste ponto deve reter-se que:

- o **espaço público** é caracterizado pelos seus elementos constituintes (ruas, praças, espaços verdes) e por ser estruturador do meio urbano e como elemento e de criação novas centralidades.
- Podem ser considerados **dois grupos tipológicos** distintos: os espaços públicos lineares (ruas) e os **espaços públicos não lineares** como largos, parques de diversões, espaços livres e comunitários e os mercados.
- Ian Gehl, Lars Gemzoe, Sia Karnaes e Britt Ekland, apresentam-nos em “New City Life”, **12 princípios que ajudam a qualificar o espaço público**, o que poderá ser considerado um manual de boas práticas que podem ajudar em intervenções ou requalificações urbanas.



16 - Imaginabilidade do lugar

4 | Exemplos de intervenções em espaços públicos

Neste capítulo, serão estudados dois exemplos de intervenções que se caracterizam pela qualidade do seu espaço público. Numa primeira aproximação ao tema, serão apresentados os critérios de seleção utilizados para a escolha dos dois exemplos, seguindo com a apresentação do primeiro caso, O Bairro da Malagueira de Siza Vieira, e finalizando com o exemplo do Parque das Nações, em Lisboa.

No caso do estudo do Bairro da Malagueira foi utilizada como base bibliográfica a tese de doutoramento de 2012 de João Rodrigo Coelho intitulada Formas e desígnios do espaço público na cidade contemporânea. O projeto do espaço público na construção da cidade: casos portugueses.

No caso de estudo do Parque das Nações foi utilizada como base bibliográfica a dissertação de 2013 de João Pedrosa intitulada Parque das Nações: Abordagem Precursora ao Desenho da Cidade Sustentável.

4.1 Critérios de seleção das intervenções

Para a seleção das intervenções foi feita uma pesquisa alargada das intervenções que poderiam traduzir melhor o que até agora se apresentou como espaço público de qualidade. Nos dois casos escolhidos, o Bairro da Malagueira e o Parque das Nações, há elementos de qualidade a nível de espaço público que traduzem todas as questões previamente tratadas tanto a nível de consolidação e apropriação do espaço, bem como o respeito e tratamento dado a nível da questão da memória do local e à sua identidade.

Assim, no primeiro caso a explorar, o Bairro da Malagueira, (projetado por Álvaro Siza entre 1977 e 1997), em Évora, a escolha centra-se principalmente na forma inovadora e precoce com que Álvaro Siza enfrentou problemas que no contexto da atualidade ainda carecem de respostas. Aqui, o interesse recai na forma como o espaço público foi pensado e concebido.

Neste projeto, Álvaro Siza age sem negar a especificidade das condições que encontra, quer a nível da topografia, quer nas necessidades a serem respondidas (habitações sociais), o que leva a que o resultado para as problemáticas encontradas tenham suscitado interesse como caso de estudo. Este projeto é portanto uma reflexão sobre uma (possível) ideia contemporânea de apropriação do espaço público que se adapta a uma realidade urbana específica. O espaço público desempenha visivelmente o papel estruturante e gerador na proposta dando coesão e identidade a todo o conjunto proposto.

No segundo caso, o Parque das Nações, o espaço público é considerado o elemento central da estrutura urbana, numa perspetiva centrada nos seus utilizadores.

Neste projeto, é particularmente interessante observar o modo como a relação entre os diferentes espaços públicos são pensados como um todo. Deste modo, foi dado ênfase aos vários equipamentos urbanos e aos elementos espaciais, tais como o mobiliário urbano, a circulação pedonal, os espaços verdes e os pontos e linhas de água, pensados segundo uma visão de conjunto, a que corresponde uma forte e reconhecível identidade.

4.2 O Bairro da Malagueira

Localizado nos arredores de Évora e integrado no Plano de Expansão da Cidade, o Bairro da Malagueira tem cerca de 27 hectares³⁰ constitui uma zona de ligação entre o centro da cidade de Évora e as propriedades que se podem observar em redor de Évora. Segundo Coelho, a periferia da cidade era constituída por algumas habitações clandestinas, quintas e herdades que se traduziam em zonas de carácter rural (fora dos perímetros urbanos).³¹ (ver imagem 19)

No caso do plano desenvolvido por Siza, é proposto um conjunto de espaços abertos que permitam a convivência e a relação entre os diversos tipos de espaços projetados tendo em conta a apropriação pelos utilizadores, até porque Siza defende que “a dificuldade não reside em construir casas, mas comunidades”.³²

Assim, este projeto de espaços públicos constitui uma solução arquitetónica e urbanística que respeita e integra as diferentes especificidades e elementos constituintes do espaço, que se apresentavam numa estrutura fragmentada, e à qual deu resposta ao pensar dois espaços públicos estruturantes, que possibilitam a aproximação à cidade: o eixo viário Este-Oeste e o Parque Urbano que atravessa a área do plano. (ver imagem 20)

³⁰ COELHO, Rodrigo (2012) – Formas e desígnios do espaço público na cidade contemporânea. O projecto do espaço público na construção da cidade: casos portugueses. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento. p.259

³¹ Idem. P.259

³² Siza Vieira apud COELHO, Rodrigo (2012) – Formas e desígnios do espaço público na cidade contemporânea. O projecto do espaço público na construção da cidade: casos portugueses. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento. p.269



17 - Esquisso de análise dos princípios gerais do plano (Siza 1978)



18 - Perfil e vista aérea da proposta (Siza, 1977)



SITUAÇÃO ANTES DA INTERVENÇÃO

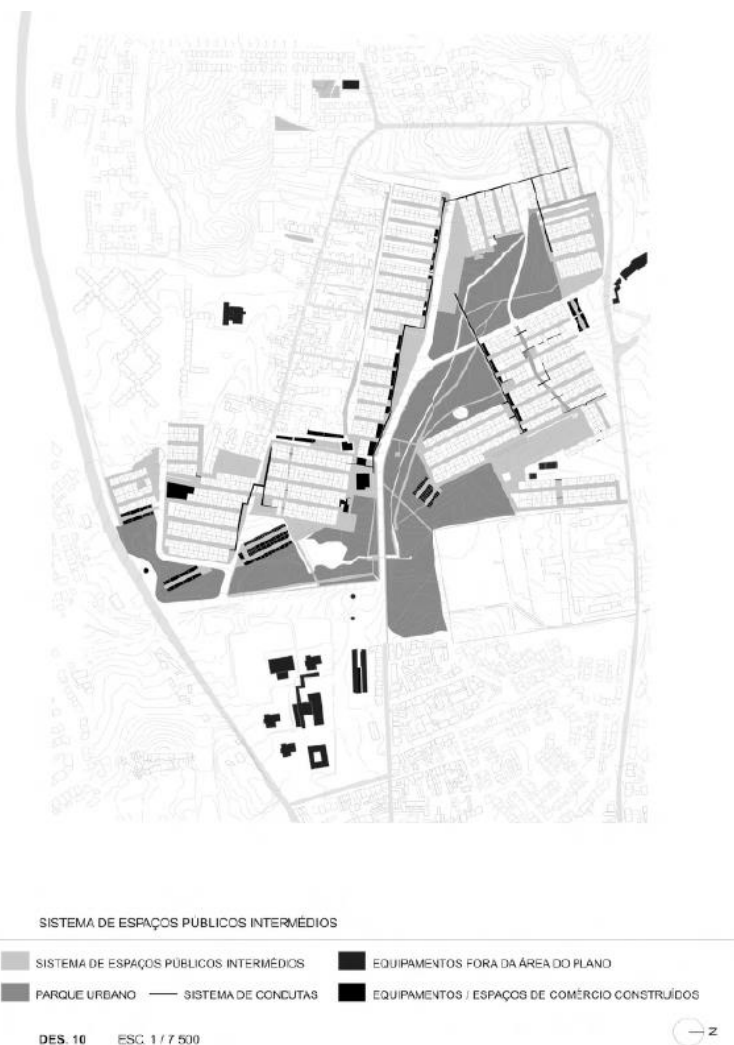
- EDIFÍCIOS/CONJUNTOS EDIFICADOS SIGNIFICATIVOS NO ÂMBITO DO P.ANO
- EDIFÍCIO PRÉ-EXISTENTE
- LINITE DA INTERVENÇÃO

DES. 03 ESC. 1 : 10 000



19 – Planta da situação antes da intervenção

Relativamente à morfologia e segundo Siza, a proposta traduz-se numa “(...) expansão de baixa altura, adaptando-se à topografia de suaves pendentes que se estende densa e contínua, até à muralha e à colina da cidade (...)”.³³ O fato de Siza ter optado por respeitar a topografia do terreno, levou a que tanto as ruas como os eixos orientadores do projeto sigam essa mesma pendente, obtendo uma variedade dos espaço projetados.³⁴ (ver imagem 18)



20 – Sistema de Espaços públicos intermédios

A estrutura de espaços abertos públicos do Bairro demonstra a vontade de estabelecer uma relação diferenciada entre o espaço público central, aberto e natural e as novas edificações, como podemos observar na imagem 21. É de notar ainda, a criação da relação

³³ Siza Vieira apud COELHO, Rodrigo (2012) – Formas e desígnios do espaço público na cidade contemporânea. O projecto do espaço público na construção da cidade: casos portugueses. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento. p.263

³⁴ Idem. p.265

entre estes espaços e as pré-existências, de modo a reforçar a ligação entre esta área e a cidade, sem a reestruturando-a.



TIPOLOGIAS DE ESPAÇO PÚBLICO

- | | | |
|---------------|--|----------------------|
| PARQUE | JARDIM / ZONAS ARBORIZADAS / AJARDINADAS | SISTEMA DE CONDUTAS |
| "RUAS LOCAIS" | LARGOS / ESPAÇOS PEDONAIS | PRAÇAS |
| | | SEMI-CÚPULA PREVISTA |

DES. 13 ESC. 1 / 7 500



21 – Tipologias de espaço público

O grande espaço verde central, que dispõe ainda de um lago (imagem 22 e 23), estabelece-se como a principal referência da memória comum, visto que ao ser respeitada a topografia e os elementos pré-existent, a sobreposição dos novos elementos marcam e

transformam este espaço de modo bastante positivo, segundo os princípios previamente abordados nesta dissertação.



22 – Lago do Bairro da Malagueira



23 – Outra perspetiva do lago

4.3 O Parque das Nações

Em 1998, Lisboa recebeu o evento da Expo 98, exposição responsável pela regeneração da zona ribeirinha da cidade. O projeto corresponde a uma revalorização da cidade e a sua relação com o rio, tentando fazer uma aproximação e recuperação da paisagem criando uma nova centralidade, através da criação de novos acessos, edificado e também espaços públicos. Nesta requalificação, o espaço público, apresenta-se como uma nova zona pública organizada (ver imagem 24), o que se reflete também na taxa de utilização por parte dos seus utilizadores.

Perante a vasta oferta de eventos de caráter social ou cultural e a diversidade de atividades possíveis de serem realizadas neste local, o espaço público do Parque das Nações assumiu um papel de referência a nível nacional como espaço de qualidade, daí que a escolha deste exemplo se assumia de importância para a condução desta dissertação.

Posto isto, irão ser apresentados as zonas de circulação pedonal, os pontos de água, e a utilização de elementos naturais, elementos que suscitam interesse para a posterior proposta desta dissertação.



24 – Planta atual da zona do parque das Nações



25 - Passadiço pedonal junto à doca dos olivais



26 - Equipamentos urbanos na proximidade do Oceanário de Lisboa

Como podemos observar nas imagens 25, 26 e 27, os percursos pedonais dispõem de um dimensionamento generoso e se sombreamento, o que leva a uma apropriação mais livre por parte dos utilizadores bem como uma utilização mais frequente em qualquer altura do ano.



27 - Percurso pedonal na frente ribeirinha



28 - Vulcões e linhas de água na Alameda dos Oceanos

A forte presença da água (imagem 28), quer pela proximidade ao Tejo, quer pela introdução de linhas de água, tanques ou vulcões de água no próprio desenho do espaço

público aliados à existência constante de vegetação, promovem uma boa experiência sensorial no utilizador.³⁵

Para além do sombreamento natural por parte da arborização, implantaram-se ainda diversas estruturas de sombreamento, tais como pérgulas em madeira ou elementos em tela. (figura 26)

Tal como se pode observar em todas as imagens apresentadas, foram criadas as condições necessárias à realização de atividades neste espaço, estimulando-se a vida ao ar livre e a prática social.



29 - Utilização dos percursos do parque para atividades de lazer e desporto

³⁵ PEDROSA, João, 2013. Parque das Nações: Abordagem Precursora ao Desenho da Cidade Sustentável. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. Lisboa. p.137

Síntese

Neste capítulo deve reter-se que:

- Com o projeto do Bairro da Malagueira, Siza pensou os espaços públicos de modo a serem usufruídos não só pelos habitantes do edificado resultante da proposta mas também para os habitantes da restante cidade, respeitando as especificidades do local.
- O projeto do Parque das Nações é de destacar os espaços públicos pela sua qualidade nos percursos pedestres que são acompanhados por sombreamento, os pontos de água pontuais e marcantes e o cuidado na escolha dos elementos do mobiliário urbano, o que leva a que, neste conjunto, se incentive a vida ao ar livre e a socialização.



30 - Pérgula do Largo do Mercado

5 | O Largo do Mercado em Vila Franca das Naves

No ponto “Localização e enquadramento” será feita a primeira aproximação à zona de estudo através da sua apresentação a nível da localização no contexto português e também à sua história e realidade atual.

No segundo ponto, “Identificação e análise da área de estudo”, será feita a abordagem ao espaço público selecionado para tema prático desta dissertação, na perspetiva dos seus limites, áreas constituintes, e a situação atual em que se encontra.

5.1 Localização e Enquadramento

Vila Franca das Naves é uma freguesia com cerca de 11 Km²³⁶ e, segundo os Censos de 2011, 965 habitantes. Foi elevada a Vila a 9 de Dezembro de 2004 e localiza-se na parte sul do concelho de Trancoso, a 16 Km da sede do Município e a 35 Km da cidade da Guarda³⁷ (ver imagem 31). A sua existência remonta para o século X³⁸.



31 - Localização de Vila Franca das Naves

É a partir do século XIX, em 1878³⁹, que devido às obras de construção da linha de caminhos-de-ferro, a linha da Beira Alta, se verificou um aumento do fluxo populacional, o que gerou um grande desenvolvimento das atividades comerciais e industriais da vila junto à zona da estação. A estrutura resultante remontava desde então, para um nítido caráter urbano.

Atualmente, e apesar da riqueza agrícola que caracteriza a zona, o setor secundário assume-se como uma das bases da economia local, devido sobretudo às atividades ligadas à agroindústria, metalomecânica e mobiliário e comércio⁴⁰. Há que acrescentar outras atividades que aqui se desenvolvem, tais como, a construção civil, panificação e pequenos espaços hoteleiros, bem como atividades desenvolvidas nas infraestruturas existentes (centro de saúde, farmácia, Escolas do 1º, 2º e 3º Ciclos, centro social e paroquial, casa do povo, bombeiros, GNR, equipamentos bancários, cafés e restaurantes, entre outros).

³⁶ <https://sites.google.com/site/vilafrancadasnaves/história> , acedido a 10 de agosto de 2015.

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem

Relativamente aos costumes e festividades decorridas na vila, são de salientar a celebração do carnaval, as feiras anuais (de São Martinho a 11 de novembro, de São José a 19 de março e de São Pedro a 29 de junho), os mercados ou feiras locais de artesanato e atividades circenses, menos regulares. Todas estas atividades têm por palco o Largo do Mercado, atual objeto de estudo desta dissertação. Por outro lado, todas estas atividades são geradoras de fluxo económico e turístico, o que leva a que o Largo do Mercado, principal espaço público da vila, sendo o cenário destas atividades, tenha inegável importância tanto a nível espacial, como núcleo e centro da vila e espaço de socialização, como também importância a nível da memória coletiva da sociedade local.

5.2 Identificação e análise da área de estudo

O objeto de estudo para esta dissertação é o principal espaço público da vila, o Largo do Mercado. Como referido anteriormente, este largo surgiu com a expansão da vila aquando da construção da linha de comboios da Beira Alta. Desde essa época, este espaço público tem vindo a ser palco de diversas atividades tais como as feiras e festas da vila, festejos de carnaval, atividades desportivas desempenhadas maioritariamente pela faixa etária mais nova, como por exemplo jogos de futebol ou passeios de bicicleta. Até meados de 1998, quando sucedeu a reabilitação do espaço por parte da Junta de Freguesia, o largo caracterizava-se por ter uma topografia muito pouco acidentada, um terreno não tratado com apenas um chafariz quase central e um equipamento de linhas telefónicas, ainda existente.



32 – Foto aérea de Vila Franca das Naves, 2015



33 - Enquadramento do largo no contexto da vila, 2014

A área de estudo é adjacente a uma das mais movimentadas ruas da vila, a Rua do Comércio, que tal como o nome indica é um arruamento com variadas atividades económicas que, como referido anteriormente, foram surgindo devido à expansão urbana e turística despoletada pela construção da linha ferroviária.

A escolha deste espaço como objeto de estudo nesta dissertação surge pelo facto de ter sido um local que outrora foi focal e de grande centralidade para a vila e que agora é um espaço quase abandonado, devido ao mau estado de conservação bem como à desorganização espacial das diversas zonas projetadas.

5.2.1 Limites

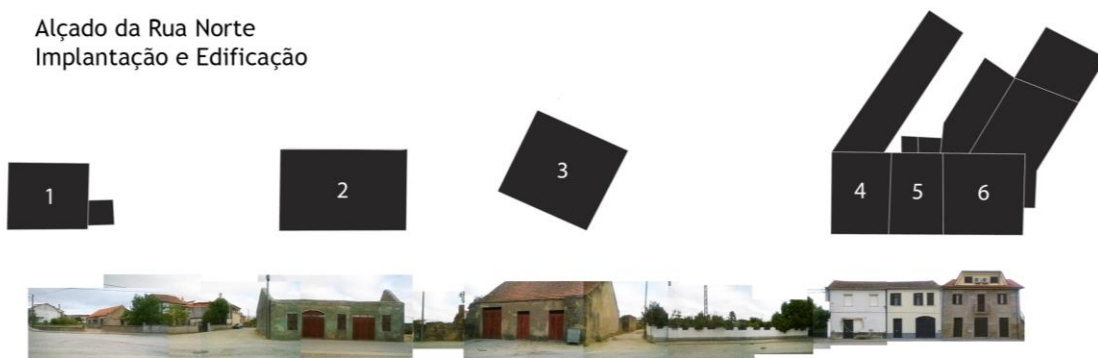
Ao analisar as construções adjacentes às ruas envolventes a este espaço público, pode observar-se que existe uma grande concentração de habitações e edifícios devolutos em toda a delimitação do largo. Esta análise, de assumida vertente plástica, apresenta-se na necessidade de uma primeira aproximação ao largo como espaço público, pretendendo um levantamento das atividades realizadas nas proximidades da área de estudo, onde se observa a existência de pequenas zonas de comércio e alguns serviços, bem como edifícios destinados a habitação.

Os edifícios n.º1 a n.º6 localizado na rua norte do largo, são compostos por 1 e 2 pisos, ainda que um deles (n.º6) tenha uma cércea de cerca de 9 metros de altura.

34 - Esquema de implantação e edificação da rua norte do largo



Alçado da Rua Norte
Implantação e Edificação



Pisos, Usos e Cérceas

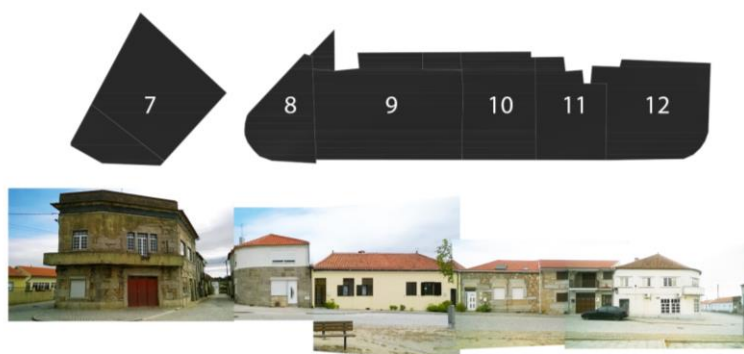


Relativamente aos edifícios n.º 7 a n.º 12, verifica-se uma predominância de cérceas de 6 m, apesar dos edifícios n.º 9 e n.º 10 terem apenas 1 piso. O edifício n.º 12 é composto por 2 pisos nos quais se desenvolvem serviços (serviço de correios da vila, que atualmente foi recolocado) no piso térreo, e habitação no piso superior.

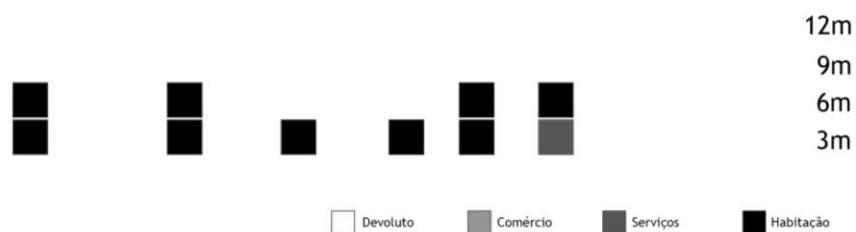
35 - Esquema de implantação e edificação da rua este do largo



Alçado da Rua Este
Implantação e Edificação

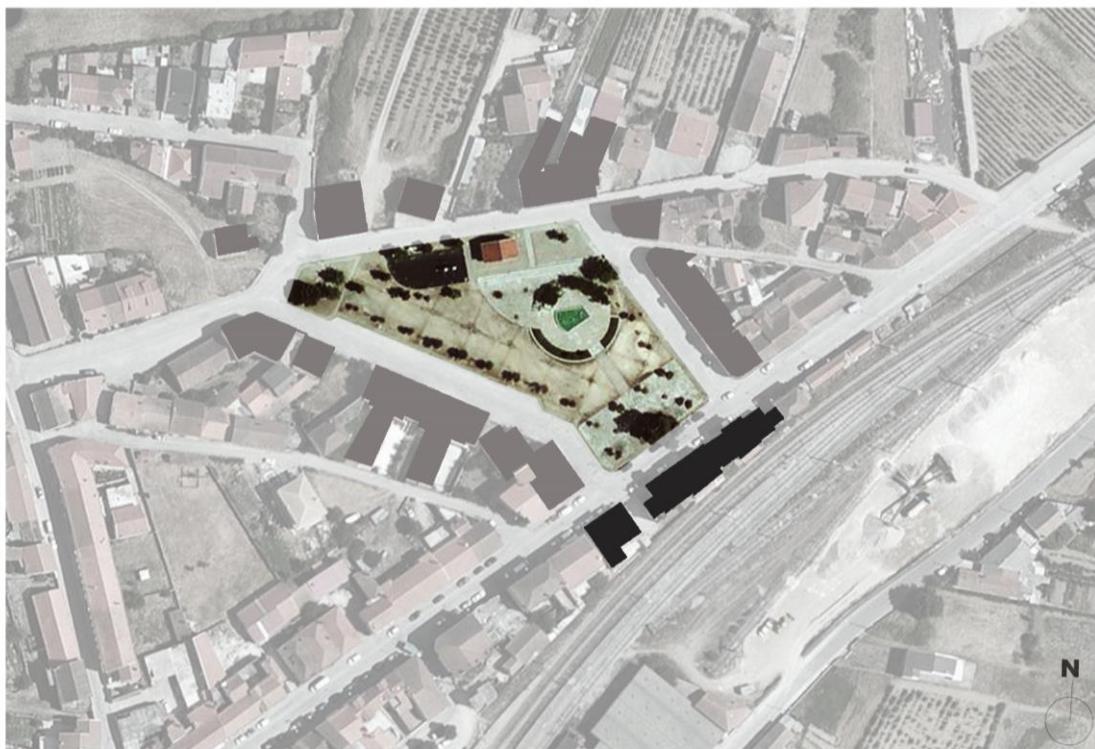


Pisos, Usos e Cérceas



Na edificação da Rua do Comércio, dos edifícios n.º 3 ao n.º 20, é predominante a edificação com 3 pisos. Nesta rua, existe um comércio de artigos para o lar no rés-do chão do edifício n.º 15, um serviço de barbearia no edifício n.º 17 e um comércio de peças auto no edifício n.º 20.

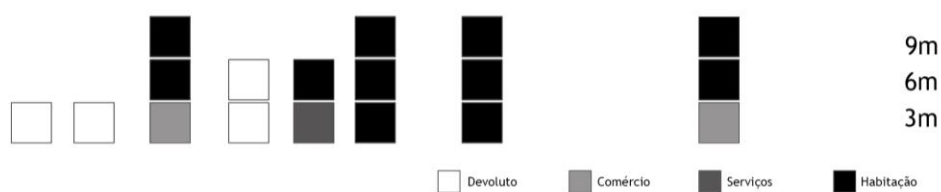
36 - Esquema de implantação e edificação da rua sul do largo



Alçado da Rua Sul
Implantação e Edificação



Pisos, Usos e Cérceas

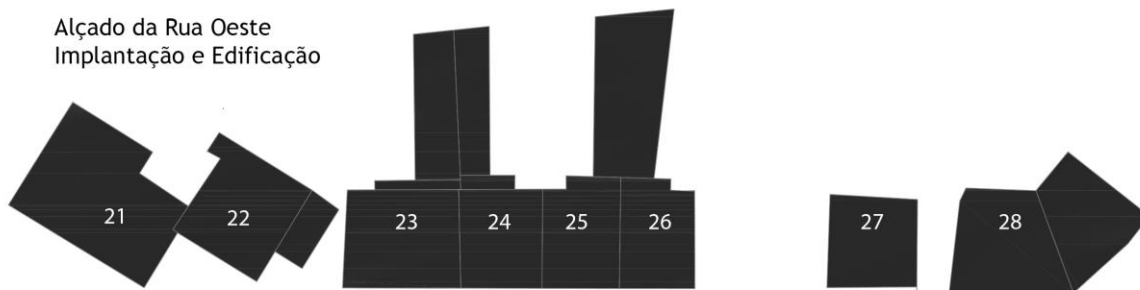


Relativamente à rua oeste, observa-se uma clara predominância dos edifícios com dois pisos, à exceção do edifício n.º 21, o qual é composto por 3 pisos sendo o rés-do-chão destinado a um café, e dos edifícios n.º 22 e n.º 27, devolutos, com apenas 1 piso.

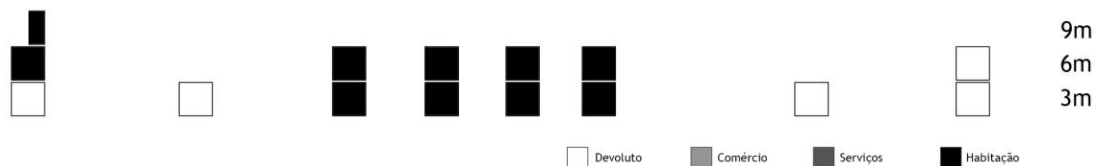
37 - Esquema de implantação e edificação da rua oeste do largo



Alçado da Rua Oeste
Implantação e Edificação

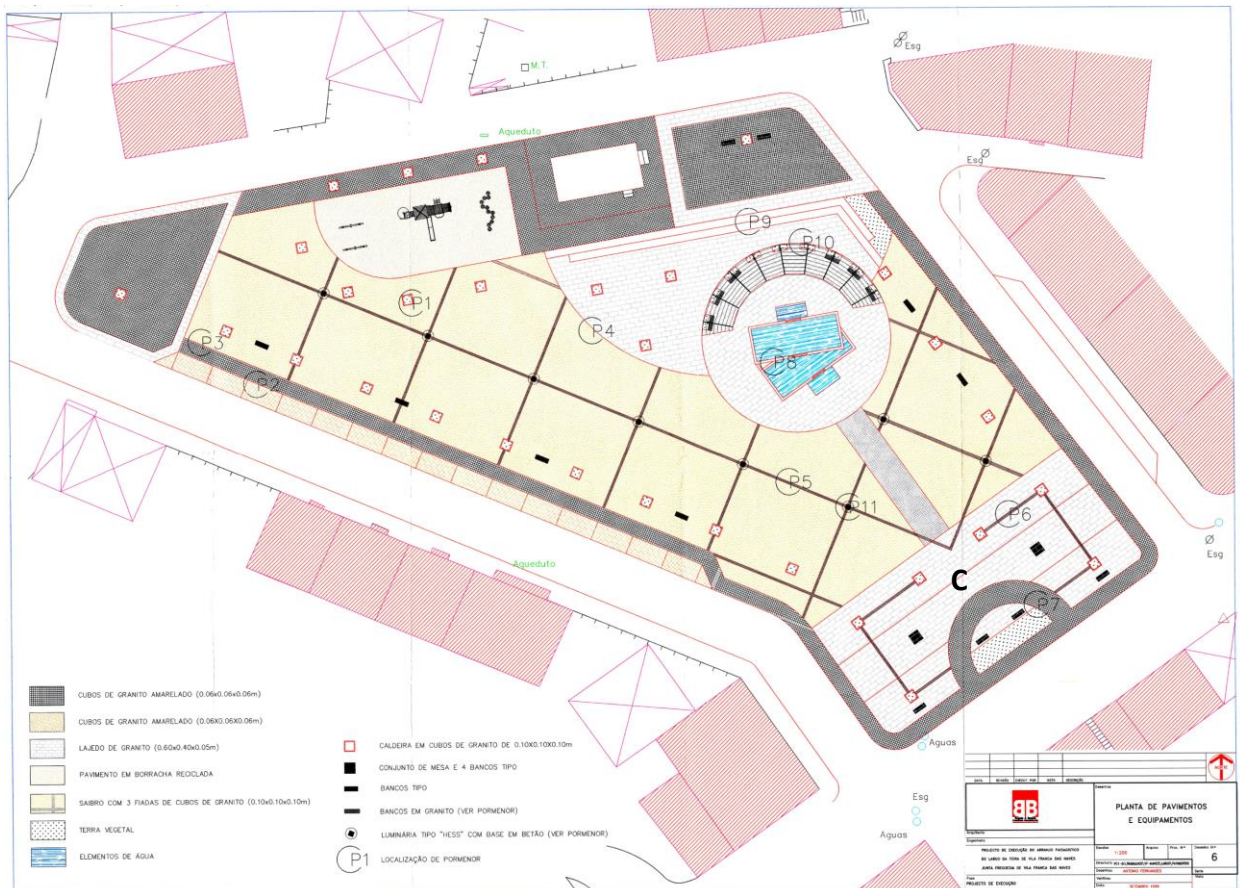


Pisos, Usos e Cérceas



5.2.2 Arranjo paisagístico do Largo da Feira de 1998

Com o arranjo paisagístico de 1998, novas áreas foram criadas de modo a que as atividades pudessem ser repartidas por todo o espaço do Largo do Mercado: foi criada uma zona de parque infantil, uma zona de estar junto a um ponto de água, uma zona de estar/merendas perto da rua mais movimentada adjacente ao local, uma zona ampla para a realização de feiras, mercados e atividades desportivas ou culturais. Apresenta-se de seguida um dos desenhos técnicos do projeto aprovado.

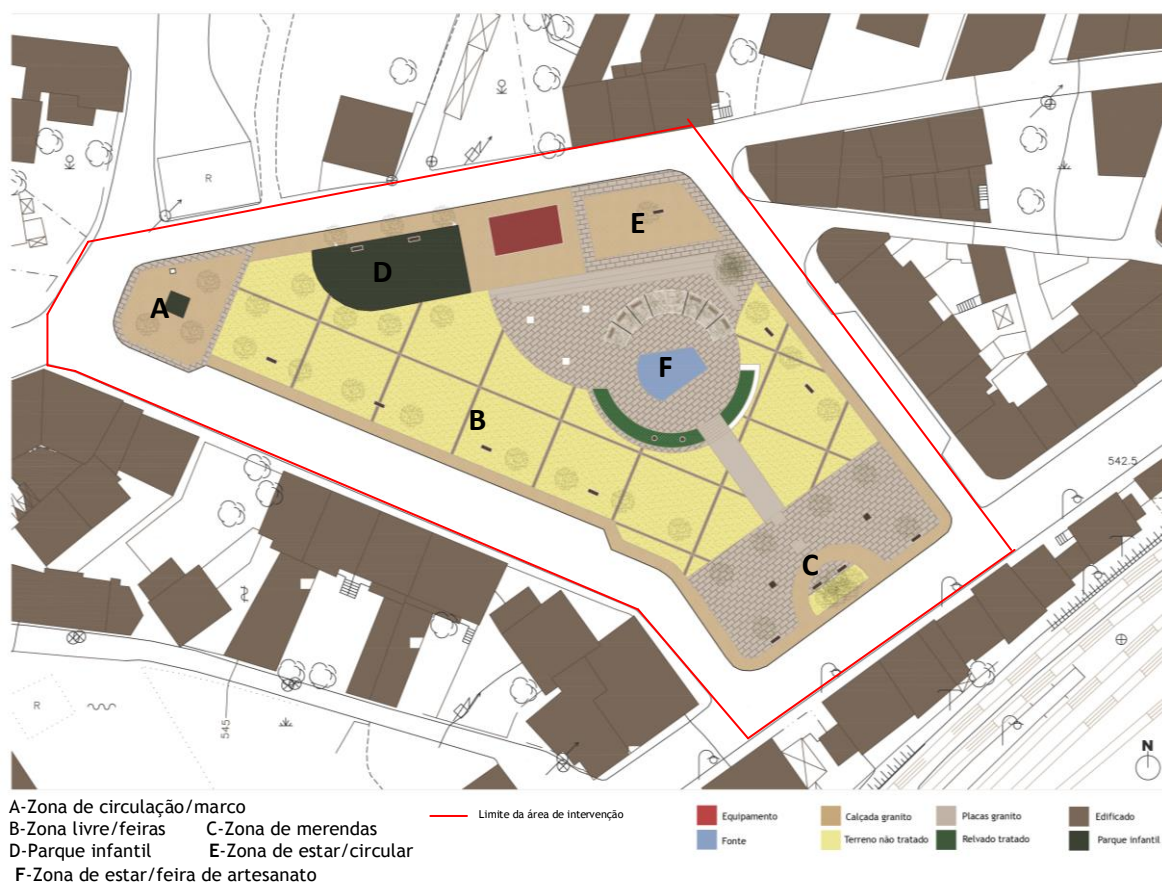


38 - Planta de pavimentos e equipamentos (Arranjo paisagístico de 1998)

Na imagem acima, pode observar-se que relativamente às atividades que são pretendidas desempenhar, há alguma desorganização e não existe uma relação clara entre as diversas zonas. Quanto aos pavimentos observa-se que a maior área do largo, destinada à realização de feiras se encontra não pavimentada (a amarelo), à exceção das linhas perpendiculares constituídas por cubos de granito. Quanto à distribuição dos equipamentos, pode observar-se que os lugares de sentar se encontram dispersos e sem relação entre eles, impossibilitando a interação entre os utilizadores, do mesmo modo que a zona de merendas (zona C), atualmente localizada junto à Rua do Comércio, que sendo uma das ruas mais movimentadas da vila, torna esta área desagradável devido a ruídos e cheiros provenientes da circulação automóvel. A fonte (a azul) ocupa o espaço dos mercados de artesanato

constituindo um obstáculo à circulação e à própria organização dos equipamentos temporários colocados no local para a realização desses mercados. Relativamente aos lugares de estacionamento, e apesar de definidos como sendo para veículos ligeiros, estes são também utilizados para estacionamento de veículos pesados, e observa-se ainda, alguma carência destes, tendo em conta todas as atividades realizadas neste largo.

Apesar de este projeto ser o único existente para o local, segundo as entidades locais, a proposta inicial não corresponde ao que foi construído e se observa atualmente. Segundo fontes locais (moradores e utilizadores inquiridos de modo informal), ocorreram alguns erros em obra resultantes de um mau dimensionamento principalmente da zona da fonte de água, o que levou a que alterações tenham sido feitas no próprio local com o decorrer da obra, resultando na imagem apresentada a seguir.



39 - Planta atual do Largo do Mercado

Pode-se observar, na figura acima, que na zona mais central, a fonte, foi a que sofreu maiores alterações face à proposta inicial que, neste caso, surgiram da necessidade de resolver o desnível existente ao nível do solo. Assim, o espaço atual é apresentado com uma área bruta de cerca de 5101m², composto por 6 zonas principais apresentadas de seguida, e que são:

1. Zona A, localizada a noroeste, detém o marco do largo, o chafariz, sendo considerada a zona que remonta à memória do antigo largo, sendo também uma zona de circulação.
2. Zona B, a mais ampla do espaço, é destinada à realização de atividades económicas e culturais e algumas festividades (feiras, Carnaval, atividades circenses).
3. Zona C, junto à Rua do Comércio, é a atual zona de merendas do largo, apesar de ser algumas vezes utilizada como zona também de mercado e feiras.
4. Zona D, a norte, é onde se situa o atual parque infantil.
5. Zona E, é uma zona de estar e maioritariamente de circulação.
6. Zona F, a zona mais central do largo, é também a principal zona de estar e o palco da realização das feiras de artesanato. Frequentemente, este espaço é utilizados por crianças para a realização de atividades físicas, como por exemplo andar de bicicleta.

5.2.3 Caracterização da situação atual

Na presente análise, pretende-se descrever a atual situação do largo através do levantamento e identificação das principais características que dos acessos e fluxos, quer dos espaços que o constituem, sistematizados em 6 zonas (ver figura 38). Numa primeira aproximação irão ser apresentadas estas 6 zonas constituintes deste espaço através de um ensaio fotográfico realizado in loco. Através destas fotografias, irão perceber-se melhor, algumas das características físicas do local bem como o seu estado atual de conservação.

Zona A



40 - Identificação da zona em análise - Zona A

Nesta zona, pode-se encontrar o principal marco, que respeita a memória do local: o chafariz. Anteriormente à intervenção da década de 1980, este encontrava-se no ponto mais

central do Largo e era frequentemente utilizado como bebedouro pelos utilizadores do espaço. Atualmente, por ser uma zona nivelada e pavimentada, é utilizada frequentemente para local de venda e elaboração de refeições por parte de feirantes. Assim, esta área não dispõe de pontos fracos que levem a ser uma zona a alterar. Pretende-se apenas que as atividades previamente referidas sejam recolocadas de modo a obter maior aproveitamento desta zona como elemento marcante.



41 - Perspetiva da zona em análise - Zona A, 2015

Zona B



42 - Identificação da zona em análise - Zona B

Este espaço, zona B, o mais abrangente do largo, foi projetado para responder à necessidade de criar uma zona aberta com algum nivelamento para a realização de atividades comerciais, neste caso as feiras que se realizam com alguma periodicidade neste local. Quando se encontra livre, este espaço é frequentemente utilizado como zona multifuncional:

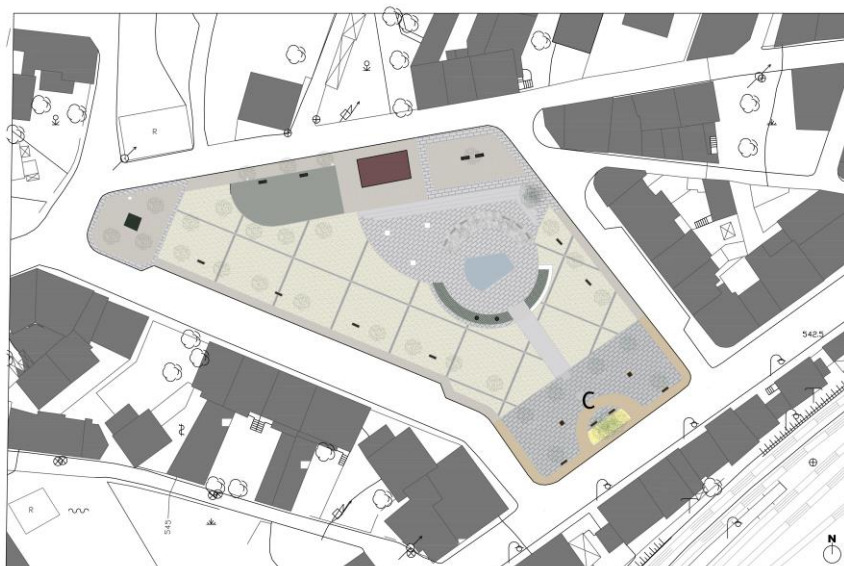
atividades desportivas e culturais (crianças a jogar futebol, festejo de carnaval, entre outras.)

Deste modo, poder-se-á referir que esta área atualmente responde às necessidades que dela se exigem pelos utilizadores. Assim, a solução a propor é de manutenção, ficando inalterada nas suas funções. Contudo passará a incluir mais um espaço de circulação, neste caso para bicicletas, pois integrará um troço da ciclovia proposta que se encontra atualmente em falta.



43 - Perspetiva da zona em análise - Zona B, 2015

Zona C



44 - Identificação da zona em análise - Zona C

Na perspetiva de alguns dos princípios apresentados no ponto 3 referentes à qualidade do espaço público, tais como a proteção contra experiências sensoriais desagradáveis e a criação de lugares que fomentem a permanência nos mesmos, esta zona C regista alguns problemas que se identificam em alguns aspetos: a rua adjacente, a Rua do Comércio, é a rua

com maior fluxo rodoviário, o que leva a considerar que a resposta atualmente em curso neste espaço, zona de estar / merendas, poderá não ser a mais adequada para este local, pois devido à proximidade do trânsito automóvel é a mais ruidosa, poluída e insegura (em termos de suscetibilidade face ao movimento rodoviário). Deste modo, esta zona será também uma das que se pretende repensar, no sentido de a modificar, indicando soluções que possam contribuir para minorar as debilidades nela identificadas.



45 - Perspetiva da atual zona de merendas, 2015



46 - Pormenor da pavimentação, 2015

Como se pode observar na figura anterior, o pavimento nesta zona encontra-se num mau estado de conservação, existindo levantamentos das placas de granito junto aos equipamentos de estar, o que remete para uma escolha não adequada do pavimento utilizado.

Zona D



47 - Identificação da zona em análise - Zona D

A zona D inclui um parque infantil, o qual atualmente apresenta-se em boas condições de conservação e segurança, capaz de atrair algum fluxo de utilizadores. Junto a este, encontra-se um equipamento de estacionamento de bicicletas o que valoriza em muito a existência deste espaço como zona de atividades de lazer infantil. Visto não existirem pontos fracos a apresentar, este espaço permanecerá como é atualmente. Contudo, propõem-se pequenos melhoramentos na sua envolvente ao nível dos pavimentos.

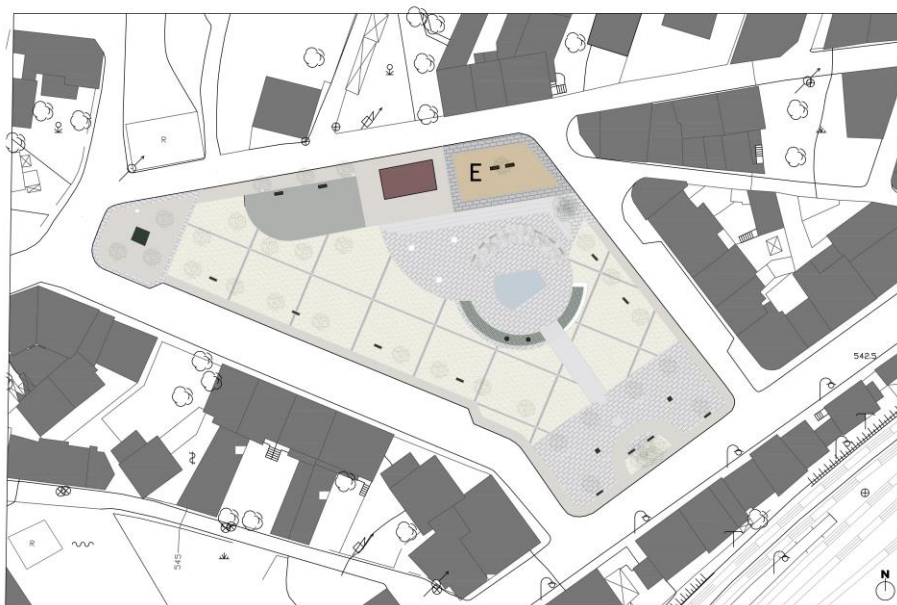


48 - Perspetiva para o parque infantil, 2015



49 - Parque infantil fotografado a partir da rua norte, 2015

Zona E



50 - Identificação da zona em análise - Zona E

A zona E é destinada maioritariamente a espaço de estar e de transição entre os habitantes das edificações periféricas e a zona central do largo. Nela encontra-se um pavimento tratado e nivelado que carece de novas zonas de estacionamento automóvel e algum sombreamento que torne a estadia mais confortável, especialmente nas épocas estivais. Este espaço, que revela portanto algumas carências, será também umas das zonas a repensar na proposta concetual a realizar.



51 - Perspetiva da zona em análise - Zona E, 2015

Zona F



52 - Identificação da zona em análise - Zona F

A zona F, sendo o espaço urbano mais central da área de estudo, atualmente utilizada como zona de estadia, não deixa, contudo, de registar algumas carências a nível de conservação dos pavimentos, que levam a uma falta de interesse por parte dos utentes em utilizarem este local, que se encontra frequentemente vazio. Também a nível organizacional e morfológico surgem alguns problemas nomeadamente no facto de o ponto de água, uma fonte, por estar implantada numa posição central, leva a que muitas das atividades aqui realizadas, nomeadamente as feiras de artesanato, fiquem confinadas a espaços mais reduzidos e apertados (neste caso a área sob a pérgula preexistente) que poderiam e deveriam ser utilizadas para zonas de descanso. É de salientar que faz parte de um projeto da Junta de Freguesia, demolir a fonte por 'questões de manutenção e de espaço'. Deste modo, esta será o principal foco de intervenção visto ser o ponto mais central do largo e que atrai, ou deveria atrair mais população.



53- Perspetiva a partir do lado oeste da zona em análise, 2015



54 - Perspetiva a partir do lado este da zona em análise, 2015.

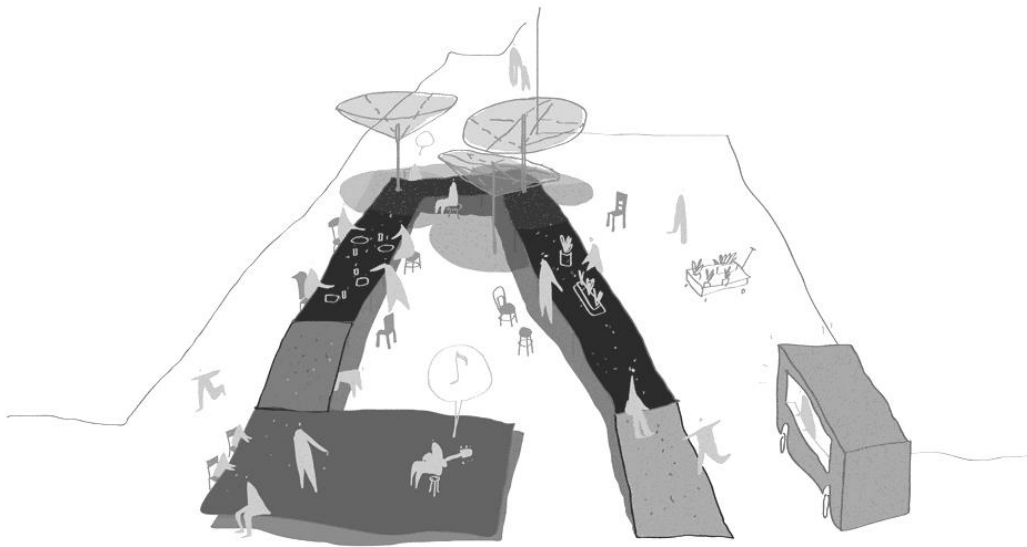


55 - Perspetiva panorâmica da zona em análise, 2015



56 - Pormenor da pavimentação na zona sob a pérgula, 2015

Como podemos observar na figura anterior, e tal como acontece na zona de merendas que tem a mesma pavimentação, nesta zona sob a pérgula existem também alguns levantamentos das placas graníticas devido ao crescimento das raízes dos elementos naturais arborizados pré-existentes.



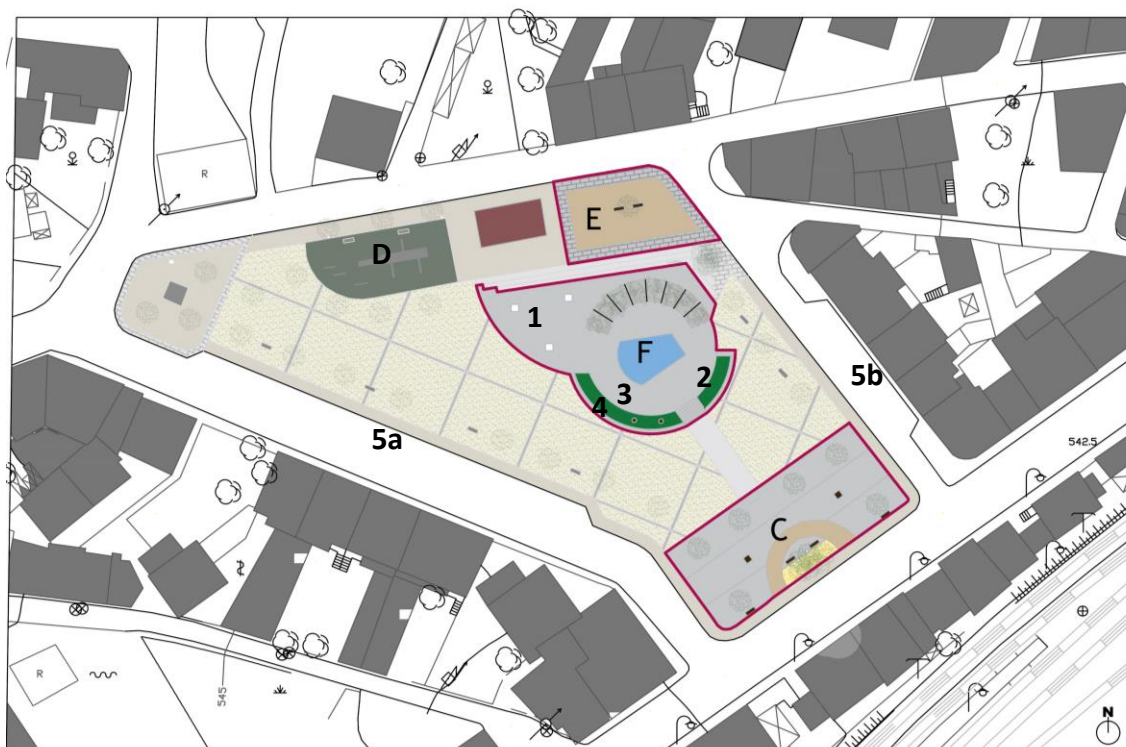
57 – Representação de uma atmosfera social

6 | Um Lugar no Espaço Público: Proposta de requalificação urbana

Neste último capítulo serão inicialmente apresentadas as zonas a intervir de acordo com os problemas identificados no local de estudo tanto a nível físico, morfológico e estrutural, bem como a nível da esfera social (problemas na relação utilizador-espaço). Seguidamente, será apresentada uma proposta conceptual para o mesmo local, refletindo todo o estudo e boas práticas apresentadas ao longo desta dissertação, de modo a que seja atingido o objetivo inicialmente definido: criar um lugar no espaço público do Largo do Mercado em Vila Franca das Naves, através de medidas projetuais que contribuam para a dinamização e estruturação deste local e que o qualifiquem como o centro da vida em comunidade.

6.1 Principais traços da proposta de requalificação urbana

Conforme as problemáticas indicadas no ponto anterior que descrevem a organização e funcionamento atual do Largo do Mercado em Vila Franca das Naves, e com a observação in loco de modo a entender o modo como este local funciona diariamente e é utilizado por aqueles que o frequentam, foram organizadas três zonas de intervenção nas quais a proposta se centrará em mais profundas alterações. As zonas restantes permanecerão como atualmente ainda que se proponha um ou outro detalhe, como seja a repavimentação, visto cumprirem o papel que os seus utilizadores lhes requerem. É o caso do parque infantil, em boas condições, da zona de feiras pontuais e da zona onde se encontra o elemento marcante do largo que é o chafariz.



D- Parque infantil E-Zona de estar/circular F-Zona de estar/feira de artesanato 5a-Estacionamento
5b-Estacionamento C-Zona de merendas 1- Zona proposta para parque de merendas 2-Jardim proposto a ampliação
3-Área proposta para a introdução de uma zona verde com lugar para sentar 4-Área proposta para o novo espelho de água

58 - Planta de identificação das zonas a intervir, Largo do Mercado em Vila Franca das Naves

Na zona E, a necessidade de intervenção surge da falta de estacionamentos automóvel que sirvam não só o largo em geral, mas em particular a zona do parque infantil, bem como os residentes nas habitações localizadas na envolvente mais próxima. Sugere-se portanto a criação de cinco lugares de estacionamento para viaturas ligeiras, com as dimensões normalizadas de 4,50m por 2,30m, a 30°⁴¹. Por outro lado propõe-se a criação de sombreamentos, ainda que pontuais, através da implantação de elementos naturais de arborização, quer ao longo dos passeios quer inseridos no largo, tendo em conta a seleção das

⁴¹ http://www.estamidia.com.br/normas_tecnicas.pdf, acedido a 30 de setembro de 2015.

espécies relativamente ao clima do local, como por exemplo faias ou tílias, que irão conferir mais conforto quer aos automóveis estacionados, quer aos utilizadores deste espaço, que passem no largo ou que simplesmente ocupem um dos locais de estadia, sentados à sombra da árvore.

Por último e dado que se observou uma certa dinâmica na utilização de bicicletas, nomeadamente pela população mais jovem que utiliza também o parque infantil, prevê-se a criação de uma ciclovia, cujo percurso e traçado estão confinados ao espaço livre do largo. Esta opção projetual justifica-se não só por garantir maior segurança aos seus utilizadores, dado que estará assim, afastada das vias com trânsito automóvel, mas também porque de momento não existe qualquer outro percurso para bicicletas na restante malha urbana, com o qual esta ciclovia proposta pudesse vir a estabelecer a ligação.

Ainda que as alterações propostas sigam os 12 princípios projetuais de desenho urbano enunciados no ponto 2, é de salientar que esta zona E é propícia a ser um local de estadia e de contemplação. Por outro lado, a ciclovia permite também promover a prática de exercício físico e consequentemente contribuir para uma melhor condição física dos seus utilizadores. Ora, em aglomerados urbanos de pequena dimensão como é Vila Franca das Naves, estas ações também elas simples, que implicam poucos recursos financeiros ou técnicos para se concretizarem, poderão fazer a diferença, nomeadamente face a práticas anteriores de ausência ou escassez de ações de qualificação dos espaços públicos.

Na zona F, a intervenção proposta passa essencialmente por criar zonas de lazer mais multifacetadas ou seja que permitam uma maior variedade de atividades e acontecimentos, e que estejam dotadas de um maior número de locais com sombreamento. Mais uma vez é de salientar que as ações sugeridas focam-se nos princípios que desencorajem as experiências sensoriais desagradáveis, ou seja, uma perceção menos positiva sobre o que observa por parte dos utilizadores. Ora, a introdução de novos elementos naturais de arborização e a opção projetual em manter a pérgula preexistente fazem parte desta estratégia.

Por outro lado, tendo em consideração os princípios projetuais analisados no ponto 2, destaca-se aquele que se baseia na criação de zonas para sentar, para caminhar e para observar. Tais premissas serão reforçadas através da introdução de um novo elemento para sentar (no espaço 3), um banco que acompanha toda a ala junto ao espelho de água, do local de realização de feiras artesanais. A opção de demolir a fonte, criando um novo espelho de água na zona 4 junto ao banco proposto na zona 3, permite manter a presença simbólica da água como elemento que transmite uma sensação de tranquilidade aos cidadãos. A recolocação deste elemento marcante, justifica-se no facto de o local onde atualmente se localiza não ser o mais indicado, porque ocupa o espaço utilizado para a realização de feiras. Com esta proposta este local ficará mais amplo e desimpedido à circulação pedonal em tempo de feira.

Propõe-se um aumento da superfície destinada aos espaços verdes, mantendo os preexistentes (nº 2 na imagem 57) e a criação de um novo local ajardinado (nº 3 da imagem 57), equipado com o referido banco corrido adjacente (ver imagem 62).

O espelho de água como referido, realocar-se-á no local de um dos atuais espaços verdes (nº 4 da imagem 57). Dado que se verifica que atualmente já existem sistemas de movimentação de água no local, os sistemas de reza, esta realocação do ponto de água não acarretará nenhuma desvantagem ou trabalhos acrescidos.

Também nesta área, será sugerida a criação de um novo espaço de merendas zona 1 da imagem 57, visto que atualmente se encontra localizado na ala mais sul do largo, junto à rua mais movimentada da vila (Zona C). Prende-se assim, criar um espaço para merendas que seja mais seguro, mais afastado do trânsito automóvel, do ruído e da poluição, e consequentemente mais confortável. Por outro lado a escolha do local para este equipamento foi influenciada pela localização do parque infantil (zona D) e da zona de lazer/estar (zona F), de modo a que haja uma proximidade entre estes equipamentos, conferindo um novo sentido atribuído à localização privilegiada que este largo tem, reforçando a sua centralidade no contexto mais alargado da malha urbana da vila no seu conjunto.

Relativamente aos pavimentos existentes, propõem-se algumas alterações. Como demonstrado nas imagens n.º 45 e n.º55, referentes à atual situação de conservação em que se encontram nos diversos espaços, é observável que o pavimento predominante, as placas de granito, não serve da melhor forma o espaço, pois como é possível observar nas imagens referidas, este encontra-se danificado junto a zonas de sentar (as mesas da zona de merendas) e devido também a levantamentos causados pelas raízes dos elementos naturais de arborização, como observável na zona sob a pérgula. Deste modo, sugere-se utilizar um material mais permeável que ofereça condições mais favoráveis ao crescimento de árvores, bem como trazer uma imagem mais natural e apelativa à zona: sugere-se a utilização de casca de pinheiro, atualmente bastante utilizados em projetos de jardins e parques.

Na zona C, o princípio mais evidente é o princípio da criação de zonas para caminhar, visto ser-se proposto um pavimento mais natural, a casca de pinheiro, na tentativa de melhorar as condições atuais de levantamentos das placas de granito causados pelos elementos naturais pré-existente. Deste modo, a intervenção passa por eliminar a atual zona de merendas e também o pavimento, visto que também esta zona é utilizada para a realização das atividades comerciais já referidas (feiras e mercados). Assim, opta-se por retirar o pavimento, atualmente bastante degradado devido a levantamentos causados pelas raízes das árvores, tal como acontece na zona F, e optar pelo mesmo material sugerido, a casca de pinheiro, deixando este espaço mais natural e com melhor propósito na organização geral deste espaço público. (Ver imagem 63)

Neste espaço público, sugere-se a introdução de uma ciclovia com pelo menos 1,50 m de largura (para um sentido e um único usuário) ou 2,50 m, para dois sentidos ou dois usuários.⁴² É também sugerido o uso de um pavimento regular, a cor de destaque, de modo a ser perfeitamente visível e diferenciada, mesmo em condições noturnas, imagem 59 e 60,

⁴²http://www.conferenciamobilidade.imtt.pt/pacmob/rede_ciclavel/Rede_Ciclavel_Principios_de_Planeamento_e_Desenho_Marco_2011.pdf, acessado a 30 de setembro de 2015.

bem como uma saída para zonas de passagens para peões (também sugeridas na imagem 59) providas de uma aba lateral para ciclistas.

Serão também organizados lugares de estacionamento, atualmente existentes mas sem identificação (ver ponto 5a e 5b da imagem 57), de modo a responder às necessidades atuais de estacionamento para veículos ligeiros e pesados. No ponto 5^a, propõe-se conforme imagem 59, a identificação de dois lugares destinado ao estacionamento de veículos pesados com pelo menos 10 m de comprimento por 3,5 m de largura e 5 lugares destinados a estacionamento de veículos ligeiros com 5 m de comprimento cada. Na zona 5b, propõe-se a identificação de 7 lugares de estacionamento para veículo ligeiros com as dimensões referidas anteriormente. Assim, tenta promover-se uma adequação e apropriação dos espaços por parte dos utilizadores que façam deste espaço um espaço que seja subsistente no tempo.

6.2 Proposta Concetual para um espaço público de qualidade

Como referido no ponto anterior, irão ser sugeridas para este espaço público novas zonas de circulação, como a ciclovía, novas zonas de estar e sentar, como novos espaços verdes e bancos, uma pavimentação mais adequada que resolva a problemática de possíveis levantamentos por parte dos elementos naturais arborizados, bem como uma reorganização de alguns dos elementos constituintes do espaço que atualmente carecem de uma relação intrínseca entre eles.

Deste modo, na imagem 58 pode observar-se a atual situação do largo, já apresentada anteriormente nesta dissertação, e na imagem 59 serão então apresentadas as alterações sugeridas para este espaço público.



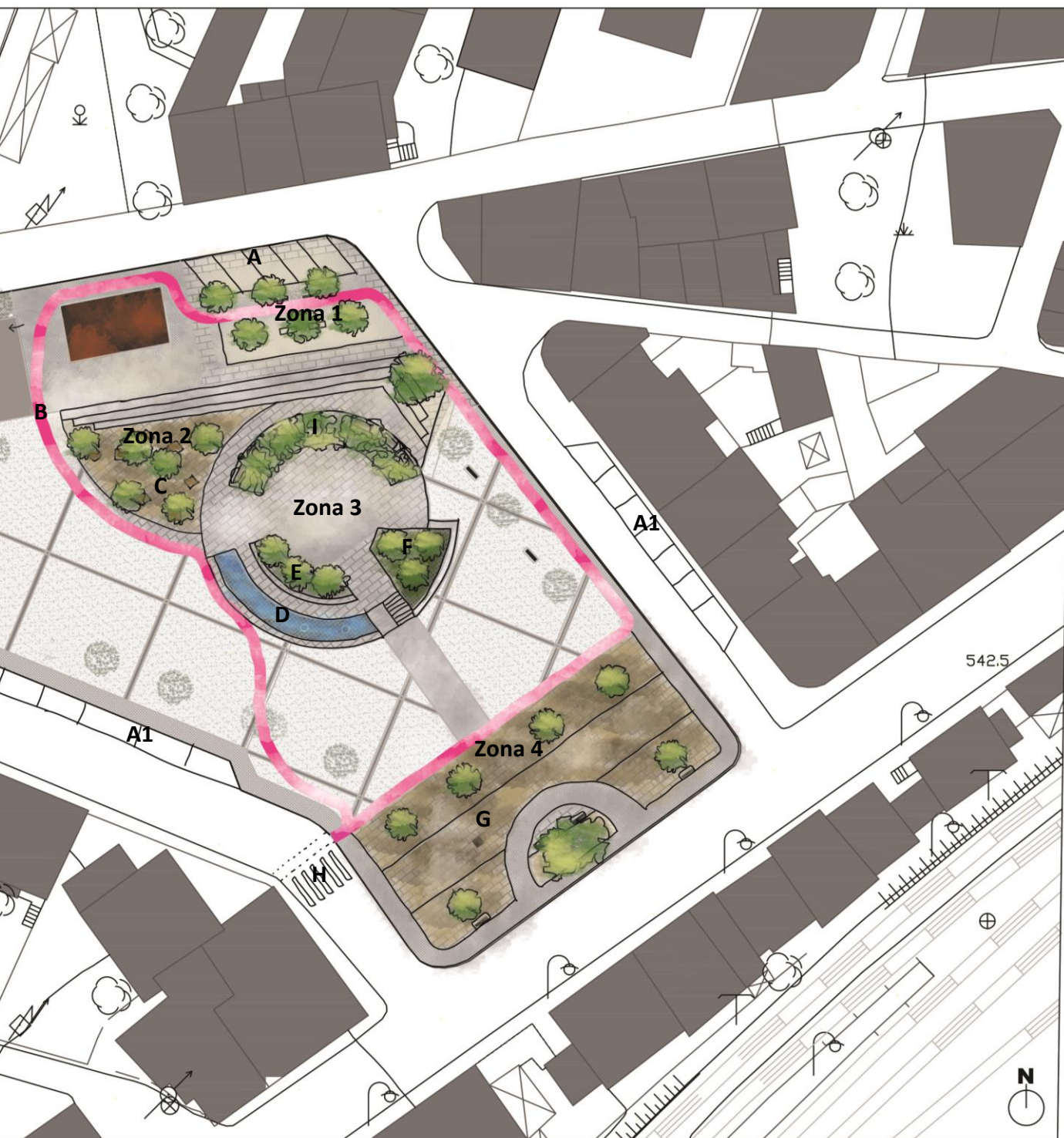
59 - Planta atual do Largo do Mercado, Vila Franca das Naves

Pode-se observar na imagem 59 por comparação entre a situação atual (designado por anterior) e a situação proposta, que as principais alterações que ocorreram recaem:

- na definição dos lugares de estacionamento pré existentes (designados na imagem por A1) e a criação 5 novos lugares na zona norte do largo (zona A).
- na proposta de uma ciclovia (designada pela letra B e a cor rosa) de circuito fechado com início/finalização numa passagem para peões e ciclista (designada na imagem por H) que será o ponto de entrada e saída para o largo.
- na proposta de uma zona de merendas (zona C) que estabeleça uma relação como zona de estar pertencente às atividades do parque infantil pré-existente, às zonas centrais D, E, F e I, e obviamente, como zona de merendas que proporcione boas experiências sensoriais (o que não acontecia na anterior localização, junto à Rua do Mercado, devido ao trânsito automóvel e o barulho e poluição que lhe são inertes).
- na sugestão de um novo pavimento, natural e permeável para as zonas C e G e I (sob a pérgula pré-existente), de modo a serem evitadas as problemáticas já referidas, relacionadas com as questões de levantamentos criados no atual pavimento, devido principalmente ao crescimentos das raízes dos elementos naturais arborizados.
- na deslocação da fonte central para a zona D, de modo a ser desobstruído o espaço central utilizado para a realização das feiras de artesanato e mantendo, mesmo assim, a memória do elemento água neste espaço.



60 – Proposta concetual de requalificação do Largo do Mercado



- | | | |
|---|---|------------------------------------|
| A-Novos estacionamentos propostos | A1-estacionamentos pré-existentes | B-ciclovia |
| C-zona de merendas com pavimento de casca de pinheiro | D-espelho de água | E-zona verde com banco corrido |
| F-zona verde (reestruturada) | G-zona de feiras com pavimento de casca de pinheiro | H- passagem para peões e ciclistas |
| | I-Pérgula pré-existente | |

Antes



Depois

61 – Esquema de intervenção para a zona 1

Foi possível com esta proposta, criar um espaço mais dinâmico e multifacetado para esta zona, que até então carecia de facilidades de estacionamento e para o qual são sugeridos 5 lugares para viaturas ligeiras. Carecia também de zonas de realização de atividades físicas, agora com a criação de uma ciclovia como possível e ainda, a introdução de mais alguns elementos naturais arborizados de modo a ser também respondida a questão da falta de sombreamento para os bancos pré-existentes bem como para os novos lugares de estacionamento.



Antes



Depois 62 – Esquema de intervenção para a zona 2

Relativamente à intervenção proposta para esta zona, e em contraste com a única função atual de circulação, é proposta a introdução da zona de merendas neste espaço, que até então se encontrava na zona 4, favorecendo-o com a introdução de elementos naturais de arborização atualmente inexistentes, com a colocação do mobiliário necessário (como mesas) e da substituição do atual pavimento por casca de pinheiro (uma solução mais natural e permeável). Aqui, é pensada uma zona de pavimento mais regular para circulação, bem como a passagem do circuito de ciclovia. Assim, este espaço que ganha uma nova identidade o que poderá incentivar o seu uso nos utilizadores.



Antes



Depois

63 – Esquema de intervenção para a zona 3

Para esta terceira zona, é proposta a demolição da atual fonte de modo a desobstruir o espaço destinado à realização de feiras de artesanato e à circulação, mas mantendo a memória da água presente, na sua recolocação como um espelho de água menos central. Paralelamente a este espelho de água, será proposta uma zona de sombreamento e coberto vegetal com um banco corrido, que estabeleça uma relação sensorial com o elemento água. Do mesmo modo, propõe-se uma expansão da zona coberta vegetal pré-existente e a introdução de elementos naturais de sombreamento.



Antes



Depois

64 – Esquema de intervenção para a zona 4

Por fim, na zona 4 que atualmente é destinada a parque de merendas e a circulação, propõe-se o deslocamento da sua função de zona de merendas para a zona 2 (conforme já apresentado) mantendo apenas a função destinada à circulação. Contudo, e como esta zona é muitas das vezes apropriada para comércio e feiras, propõe-se que esta zona responda a essas necessidades, transformando-se numa zona livre, onde a atual problemática do levantamento do pavimento devido ao crescimento das raízes dos elementos naturais de sombreamento é colmatada pela sua substituição por cascas de pinheiros.



7 | Conclusão

A procura por uma resposta projetual que melhor corresponda às aspirações dos cidadãos que utilizam a área de estudo, nas suas variadas atividades foi o mote presente ao longo da presente dissertação. Através dele surgiu o incentivo por refletir sobre questões relacionadas com a vivência de pequenos aglomerados urbanos, situados em território de predominância rural. Entre elas importou analisar as diferentes apropriações e os usos por parte dos cidadãos, residentes e utentes, de um espaço coletivo, comunitário e público que é o Largo do Mercado em Vila Franca das Naves.

Como se pôde verificar, o abandono e o esquecimento a que tem vindo a ser dotado este espaço, tem contribuído para que as estruturas morfológicas que o constituem se tenham também degradado, desincentivando a sua fruição. Por outro lado a identidade de espaço urbano central com a qual no passado se associou, foi também enfraquecida na memória coletiva da comunidade local. Consequentemente, também este fator não é alheio à sua degradação, como lugar negligenciado.

Já em 1998, houvera uma tentativa com vista a promover a sua requalificação, como se demonstrou. Contudo as ações previstas à data, incluindo as que acabaram por ser executadas, não vieram resolver o processo de declínio anterior. Se por um lado seria de esperar que este projeto de arranjo paisagístico viesse a estruturar em termos espaciais e a dinamizar em termos sociais este local, tal intenção não se verificou. Problemas como a má articulação pedonal e visual entre o parque infantil, a zona central (de estar e de lazer) e a zona de merendas, permaneceram. Por outro lado, o frequente uso de bicicletas no local não foi considerado, dada a inexistência de percursos para o efeito. Os estacionamento nos arruamentos que circundam o largo, estavam também, na sua maioria, por definir.

Conclui-se portanto que a proposta realizada foi centrada na resposta direta às problemáticas acima descritas tendo em conta os seus utilizadores e a apropriação que fazem deste largo. O objetivo traçado foi alcançando, devolvendo ao Largo do Mercado o seu papel de lugar central quer no imaginário coletivo dos cidadãos da vila quer na estrutura da malha urbana. O primeiro objetivo concretiza-se através da diversidade de atividades que para ele se propõe. O segundo objetivo materializa-se na organização espacial proposta para o local.

Como se poderá concluir nem sempre as designadas grandes obras são a única solução para a transformação dos espaços urbanos, no sentido da sua qualificação. Muitas vezes, como no exemplo em análise, é através das pequenas intervenções, quase cirúrgicas, e que consequentemente de adaptam melhor aos escassos recursos de autarquias pequenas do Interior do país, que se opera a mudança. Demonstrou-se que com algumas alterações organizacionais, neste caso através da criação de uma relação mais direta entre a zona do parque infantil, os lugares de estacionamento automóvel a criar ou o novo espaço de merendas, é possível transformar os espaços públicos devolvendo-lhes um sentido de lugar.

Propostas como a estruturação de uma zona de estar para os familiares das crianças que usufruem do parque infantil e a disponibilidade de encontrarem um lugar para estacionarem o seu automóvel, ou ainda uma pequena ciclovia circunscrita ao interior do largo, são a chave para a dinamização social e cultural de aldeias e vilas como esta. Ora, a diversidade funcional foi em síntese, o mote presente na proposta apresentada, de modo a que mais atividades pudessem aqui ter lugar, sem conflitos, obstáculos ou desconforto. Esta preocupação foi acompanhada de uma outra de cariz estético. Veja-se o exemplo da colocação de mais árvores neste espaço central, que para além de permitir uma fruição mais saudável e confortável do local, contribui ainda para o tornar mais belo no imaginário dos que o utilizam.

Espera-se pois que no futuro, esta dissertação possa vir a contribuir para uma reflexão alargada (incluindo os arquitetos, os decisores políticos e a população em geral) sobre os pequenos espaços públicos que povoam e definem a identidade dos lugares, por mais singelos, simples ou pequenos que possam parecer.

Esta proposta mais do que uma solução acabada e definitiva de desenho urbano, espera vir a ser o início do repensar do Largo do Mercado em Vila Franca das Naves, pondo em curso uma nova estrutura espacial e dinâmica social, numa resposta multifacetada do que poderá ser um exemplo de projeto de espaço público na sua primeira aproximação a nível concetual e de resposta às necessidades das gentes do local.

Bibliografia

ALEXANDER, C. "The Timeless Way of Building". Oxford University Press. Oxford. New York. 1979, pg.590-591

BARATTO, Romullo "12 critérios para determinar um bom espaço público" 20 Maio 2013. ArchDaily Brasil. Acesso em 30 Set 2015. <http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>

BORJA, Jordi; MUXI, Zaida. El espacio público, ciudad y ciudadanía. Barcelona: Electa, 2003, pg.8

BRANDÃO, Pedro. O sentido da cidade: Ensaio sobre o mito da imagem como arquitectura. Lisboa: Livros Horizonte. 2011, pg. 34

COELHO, Rodrigo (2012) - Formas e desígnios do espaço público na cidade contemporânea. O projecto do espaço público na construção da cidade: casos portugueses. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento.

FRANCISCO, Marlene Duarte () - ESPAÇO PÚBLICO URBANO: Oportunidade de Identidade Urbana Participada.

GHEL, Ian; GEMZØE, Lars; KIRKNAES, Sia; EKLAND, Britt. New City Life. The Danish Architectural Press. 2006

GONÇALVES, Jorge Manuel (2004) - Os Espaços Públicos na Reconfiguração Física e Social da Cidade. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tese de Doutoramento.

INNERARITY, Daniel (2010) - O novo espaço público. Texto Editores.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006

LILLEBYE, E. 2001. "The architectural significance of the street as a functional and social arena". in Colin Jeffrerson, Janet Rowe e Carlos Brebbia (ed), 'Sustainable Street. The Environmental, Human and Economic Aspects of Street Design and Management'. Advances in Architecture Series. WIT Press. Southampton. pp. 3-44.

LYNCH, Kevin (1975) - A imagem da cidade. Edições 70.

LYNCH, Kevin (7th Edition 1990). "Good City Form". The MIT Press. Cambridge. Massachusetts.

MERLIN,CHOAY, Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement' 2010. Pg. 317

PEDROSA, João, 2013. Parque das Nações: Abordagem Precursora ao Desenho da Cidade Sustentável. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. Lisboa. p.137

PINTO, Ana Júlia; REMESAR, Antoni; BRANDÃO, Pedro; NUNES DA SILVA, Fernando (2010) - Planning Public Spaces Networks Towards Urban Cohesion. 46th ISOCARP Congress 2010.

SERDOURA, Francisco (2006). Espaço público, vida pública: o caso do parque das nações. Tese de doutoramento. Lisboa. Pág.57

